

ÍNDICE

ÍNDICE DE GRÁFICOS	V
ÍNDICE DE QUADROS	VII
AGRADECIMENTOS	IX
RESUMO	X
INTRODUÇÃO	1
I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. SOCIOGÉNESE DO DESPORTO	3
1.1. A Dimensão Social do Desporto.	6
2. CARREIRA PROFISSIONAL DE TREINADOR DESPORTIVO	7
2.1. O Desporto e a Representação de um “Bom” Treinador.	9
2.2. Perfil Geral de Competências do Treinador.	12
3. TREINADOR DE CRIANÇAS E JOVENS	16
3.1. Perfil do Treinador de Crianças e Jovens.	16
3.2. O Papel do Treinador de Jovens..	18
3.3. A Relação Treinador-Atleta.	21
4. OS PAIS.	24
5. PROBLEMÁTICA, OBJECTO DE ESTUDO, E HIPÓTESES.	25
II – METODOLOGIA	27
1. VARIÁVEIS E INDICADORES.	27
2. TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO.	28
2.1. Instrumentos de Medida.	28
2.2. Procedimentos Metodológicos Relativos à Aplicação do Inquérito.	29
2.3. Análise e Tratamento dos Dados.	29
3. UNIVERSO DA ANÁLISE	30

3.1. Associação Académica de Coimbra – O. A. F..	30
3.2. Definição e Caracterização da Amostra.	30
III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
1. COMPETÊNCIAS ESPERADAS PARA UM BOM TREINADOR DE JOVENS	33
1.1. O Ideal de Treinador Segundo os Futebolistas.	34
1.2. Ideal de Treinador Segundo os Pais dos Jogadores.	37
1.3. Auto-representação do Ideal de Treinador.	50
1.4. Apontamento Conclusivo.	54
2. EXPECTATIVAS QUANTO ÀS COMPETÊNCIAS EDUCACIONAIS	
DOS TREINADORES DE JOVENS.	55
2.1. Expectativas dos Pais.	55
2.2. Opinião dos Treinadores	63
2.3. Apontamento Conclusivo.	65
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	67
BIBLIOGRAFIA	69
ANEXOS	72
1. INQUÉRITOS SOCIOGRÁFICOS.	73

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos treinadores.	31
Gráfico 2 – Formação técnica dos treinadores	32
Gráfico 3 – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores – 1. ^a opção	34
Gráfico 4 – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores – Totais	35
Gráfico 5 – Expectativas de pais e mães sobre as competências dos treinadores – 1. ^a opção	37
Gráfico 6 – Expectativas de pais e mães sobre as competências dos treinadores – Totais	38
Gráfico 7 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores – 1. ^a opção	38
Gráfico 8 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores – Totais	39
Gráfico 9 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – 1. ^a opção.	39
Gráfico 10 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – Totais.	40
Gráfico 11 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores – 1. ^a opção	45
Gráfico 12 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores – Totais	45
Gráfico 13 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – 1. ^a opção.	46
Gráfico 14 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – Totais.	46
Gráfico 15 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências – 1. ^a opção.	50
Gráfico 16 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências – Totais .	51
Gráfico 17 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade – 1. ^a opção.	51
Gráfico 18 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade – Totais	52

Gráfico 19 – Expectativas de pais e mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção	55
Gráfico 20 – Expectativas de pais e mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – Totais	56
Gráfico 21 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção	57
Gráfico 22 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – Totais	57
Gráfico 23 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção	60
Gráfico 24 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – Totais	61
Gráfico 25 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção	63
Gráfico 26 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo as suas habilitações literárias – Totais	64

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro I – Agrupamento das dimensões, variáveis e indicadores	27
Quadro II – Experiências anteriores dos treinadores no meio futebolístico.	32
Quadro III – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão de formação – 1.ª opção	35
Quadro IV – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão de formação – Totais.	36
Quadro V – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (pais) – 1.ª opção	41
Quadro VI – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (pais) – Totais	42
Quadro VII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos seus filhos (pais) – 1.ª opção	43
Quadro VIII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos seus filhos (pais) – Totais	44
Quadro IX – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (mães) – 1.ª opção	47
Quadro X – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (mães) – Totais	48
Quadro XI – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos seus filhos (mães) – 1.ª opção	49
Quadro XII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos seus filhos (mães) – Totais.	50
Quadro XIII – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade e o escalão das suas equipas – 1.ª opção	52

Quadro XIV – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade e o escalão das suas equipas – Totais.	53
Quadro XV – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo o escalão das suas equipas – 1.ª opção	53
Quadro XVI – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo e o escalão das suas equipas – Totais	54
Quadro XVII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias (pais) – 1.ª opção	58
Quadro XVIII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias (pais) – Totais.	59
Quadro XIX – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias (mães) – 1.ª opção	61
Quadro XX – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias (mães) – Totais.	62
Quadro XXI – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a idade e habilitações literárias – 1.ª opção.	64
Quadro XXII – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a idade e habilitações literárias – Totais	65

AGRADECIMENTOS

Como não podia deixar de ser o primeiro agradecimento e o mais sentido vai para a Professora Salomé Marivoet, por toda a sua disponibilidade e interesse em ajudar, o seu apoio e compreensão demonstrada ao longo deste tempo.

À minha família onde merece especial destaque a minha mãe e eles sabem porquê!

Aos meus amigos.

Ao Engenheiro Luís Neves, ao professor António Figueiredo e a todos os treinadores, jogadores, e seus pais, dos escalões jovens da AAC-OAF, na época 2004/05, pela sua disponibilidade em ajudar. Evidencio os treinadores, pois foram essenciais na recolha dos inquéritos e na persuasão aos jovens para os preencherem, especialmente o Zé Nando, o professor Rui Silva e o professor Francisco Barros.

Por final a todos que de algum modo me ajudaram ou influenciaram a seguir este caminho.

A todos, o meu sentido agradecimento. Muito Obrigado!

RESUMO

Este estudo tem como objectivo conhecer o ideal de perfil do bom treinador de jovens, do ponto de vista dos jovens atletas, seus pais, e dos próprios treinadores, segundo as diferenças socioculturais.

Depois de elaborada a problemática em estudo, com base nos contributos de vários autores, e definido o objecto de estudo e as hipóteses de investigação, construímos três inquéritos por questionário, aplicado a 155 jovens atletas dos escalões de formação da Associação Académica de Coimbra – Organismo Autónomo de Futebol (AAC – OAF), 150 pais ou figura masculina correspondente, 149 mães ou figura feminina correspondente, e a 12 treinadores dos mesmos escalões de formação.

Após a análise da informação obtida nos inquéritos sociográficos, e posterior tratamento em SPSS, concluímos que os jovens dão maior relevância às características do *ethos* (carácter), como ‘ser justo’ e ‘ser exigente’, sendo que pais e treinadores consideram mais importantes as ‘competências educacionais’ e a ‘responsabilidade’ dos treinadores, independentemente das diferenças socioculturais, ainda que aconteça sobretudo nas famílias com maiores habilitações culturais, com ligeira vantagem nas mães do que nos pais, e nestas, sobretudo nas mais jovens, indo ao encontro do sugerido numa das hipóteses.

Concluímos ainda que existe maior discrepância nas respostas dos familiares com menores habilitações literárias.

As principais conclusões deste estudo vão de encontro ao defendido pela maioria dos autores referidos no Capítulo I, que referem que o treinador de jovens não deve procurar apenas os êxitos desportivos, mas sim olhar para os jovens numa perspectiva holística, integrando-os socialmente e preparando-os para a vida extra-desportiva.

INTRODUÇÃO

A criação da sociedade moderna está na base do papel do desporto na sociedade, já que o desporto enquanto objecto social nasce, por necessidade, com a revolução industrial (séc. XX), devido à criação de condições materiais favoráveis para o desenvolvimento desportivo. Com isto o desporto instala-se em toda uma grande importância social, verificando-se ainda um aumento da massa popular que pratica desporto, nomeadamente com a 2.^a revolução industrial

Não é o desporto que muda a sociedade, mas faz parte desta. É, pois, um fenómeno da sociedade, muito moldado pelas mudanças e crises que nela ocorrem.

O Desporto é um fenómeno que tem marcado e certamente continuará a marcar profundamente a vida do homem, e a sua complexidade necessita de ser abordada e estudada em diferentes níveis. É um fenómeno portador de extrema importância, que assume especial destaque na vida da sociedade actual.

A actividade do treinador reveste-se de uma enorme responsabilidade, essencialmente quando trabalham com jovens, já que o desporto é um dos meios fundamentais que influenciam a personalidade do praticante na sua globalidade. O treinador orienta o praticante numa fase crucial do desenvolvimento da sua personalidade, logo extremamente moldável, e graças ao prestígio social alcançado pelo Desporto facilmente se motivam os jovens praticantes, abrindo-se de forma extremamente receptiva à influência daqueles que se propõem construir, neles, o futuro praticante desportivo.

Assim, pretendo realizar o presente trabalho com o propósito de saber qual a representação do ideal de treinador de jovens por parte dos intervenientes do fenómeno desportivo, nomeadamente os jovens, seus pais e os próprios treinadores.

A escolha deste tema prende-se com o facto de ser uma área de meu especial agrado, na qual já trabalhei e pretendo trabalhar no futuro, e que entendo ser de alguma importância pois nem sempre temos a ideia correcta do que os jovens esperam dos treinadores, e nem sempre o trabalho que se faz com estes vai de encontro às suas expectativas, realizando antes as próprias expectativas dos adultos, treinadores, dirigentes, etc...

Seguidamente, apresentaremos a revisão da literatura, passando em revista um conjunto de contributos de diversos autores que nos permitiram elaborar a problemática e definir o objecto de estudo e hipóteses de investigação.

Depois disto, identificamos a metodologia seguida neste estudo, variáveis que nos permitiram testar as hipóteses, o universo da análise e o instrumento de recolha de informação utilizado.

Em seguida apresentamos a análise e discussão dos dados, e, finalmente, as conclusões e recomendações que entendemos mais importantes.

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. SOCIOGÉNESE DO DESPORTO

O desporto, assim como o conhecemos, apesar de ser um fenómeno típico e distinto da nossa sociedade, encobre na sua aparente simplicidade uma enorme complexidade social e cultural, cuja circunscrição assume,

Por vezes a forma de concepções ideológicas, que argumentam a validade de uns critérios em detrimento de outros. As opiniões que se encontram nesta matéria advêm em muitos casos de interesses específicos que se afirmam no seio do sistema desportivo, e que, em última análise, remetem para a legitimação e afirmação hegemónica dos interesses e valores de uns sobre os outros.

(Marivoet, 2002: 23)

Para melhor entendermos as concepções de desporto, é fundamental fazer a sua leitura à luz do desenvolvimento do desporto moderno na civilização ocidental.

Durante vários séculos, o desporto resumia-se aos jogos tradicionais regulamentados de acordo com as tradições locais e muito ligados a aspectos utilitários da sociedade agrícola. É no séc. XVIII, com a passagem da sociedade agrícola à sociedade industrial que se dá o processo de “desportização” (Elias, 1992) das actividades de tempos livres. Este terá seguido de mão dada com o processo de industrialização, o que quer dizer que a transformação verificada na forma como os indivíduos trabalhavam, foi seguida de perto por uma transformação da maneira segundo a qual utilizavam o seu tempo livre.

O desporto moderno possui assim características distintivas que têm origem nos envoltimentos sociais e culturais criados pelo desenvolvimento da civilização industrial, não podendo ser entendido como “alguma coisa existiu na Antiguidade, pereceu na Idade Média e, por razões desconhecidas, renasceu, simplesmente, no nosso tempo” (Elias, 1992: 194).

Uma das características que precisamente distinguiu as formas de ocupação dos tempos livres emergentes com o cunho do desporto, foi o facto de passarem a ser regulamentadas para além do nível local, ou seja, ao se tornar hábito realizar jogos e torneios ultrapassando o nível local, foi necessário garantir a uniformidade do jogo. Outra das características relaciona-se com a emergência de uma maior sensibilidade quanto à utilização da violência, que, reflectida nos hábitos sociais dos indivíduos, encontrou também expressão no desenvolvimento das suas actividades de tempo livre. Assim, os indivíduos tiveram de

aprender e desenvolver novas competências técnicas e estratégicas, exigidas pelo confronto não violento.

Posteriormente à Revolução Industrial ocorrida em Inglaterra, fábricas e desporto estenderam-se praticamente a todo o mundo, criando uma nova etapa na civilização humana, a civilização industrial. Assistia-se então à conquista do mundo por parte de um número reduzido de competições formais e de encontros denominados genericamente por “sport”, sendo a palavra adaptada por quase todas as línguas do mundo, parecendo derivar do velho termo francês *desport*, que significa divertir-se. Apesar da etimologia da palavra não ser inglesa, de facto foram os ingleses que deram cunho à era do desporto moderno.

De facto, na sociedade inglesa, desde o século XVIII, foram-se introduzindo alterações para levar à generalização das práticas físicas, definindo regras e procedimentos normalizados, “desportivizando” determinados jogos.

Nos finais do séc. XIX, dá-se o restabelecimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, pela mão do Barão Pierre de Coubertin, iniciando-se assim um processo de institucionalização das práticas desportivas, que remeteu as tradicionais práticas lúdicas para a categoria de jogos, e que levou o desporto a identificar-se com práticas desportivas que incluem institucionalização, ou seja, organização, normas e aparelhos fiscalizadores e que contemplam competição, por conseguinte, permitem uma comparação de práticas desportivas.

Ao longo do séc. XX, e com o desenvolvimento da sociedade industrial, consolida-se a filosofia de Fordismo inspirada nas concepções tayloristas de organização do trabalho e consolidam-se os Estados providência, dando origem a populações que viram os seus tempos livres alargados e a Estados que foram assumindo a responsabilidade de atender a esses tempos livres, conduzindo a uma multiplicação da oferta pública de actividades de recreio, distração e entretenimento de variada índole (Almeida, 2001).

Na década de 70, o desporto parece uma vez mais acompanhar de perto as transformações ocorridas na sociedade, ou seja, a passagem da sociedade industrial, caracterizada pela substituição do homem pela máquina; sedentarização e urbanização em massa que afastam o homem da natureza; redução dos horários de trabalho e um aumento dos tempos livres) à actual fase civilizacional, que alguns autores designam Pós-Modernidade ou Modernidade Tardia (Almeida, 2001).

Esta fase, caracterizada pela busca, por parte dos indivíduos, de uma maior realização e expressão pessoal, por um desejo de mudança e de novidade, por um maior sentido hedonístico e lúdico da vida, por uma procura de raízes e uma maior sensibilidade pela natureza, comporta valores que vieram superar os valores da sociedade industrial, tidos por

tradicionais e obsoletos, tais como, a busca da segurança física e material, do êxito pessoal e da conformidade individual, a preocupação com o estatuto social e o acatamento da autoridade.

A forma de entender e praticar o desporto começa então a reflectir o desejo de uma maior participação em práticas desportivas que produzam um elevado bem estar pessoal, e de uma desvalorização da obtenção de rendimentos padronizados, em favor do prazer proporcionado pela proximidade à natureza. Mais do que a busca das técnicas de execução para o alcance de resultados e de uma classificação, parece interessar ver a técnica associada ao prazer de praticar, estar junto da natureza, vencer obstáculos (Almeida, 2001).

Assiste-se assim a uma diversificação nas formas de estar e participar neste espaço social, que rompe “com os ideais que estabeleciam a competição como o fim único para o desenvolvimento de uma prática desportiva” (Marivoet, 2002: 35).

A campanha denominada de “Desporto para todos” lançada pelo Conselho da Europa, em 1966, numa época de grande prosperidade económica e de um aumento do tempo livre, inserida num conceito lato de democratização da cultura, e mais tarde a Carta Europeia do Desporto que no ponto 1 do Artigo 2 define desporto como “todas as formas de actividade física que, através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”, terão contribuído para a divulgação desses novos valores e para incentivar os Estados membros a definirem políticas de promoção desportiva junto das populações, permitindo ao desporto percorrer a via da democratização, e fazendo que este passasse a ser consagrado como um direito do cidadão (Almeida, 2001).

Além desta, surgiram outras campanhas semelhantes embora com diferentes denominações: surge o “National Fitness” nos EUA, o “Desporto de massas” nos países da Europa de Leste, e na Austrália o “National Fitness Council”.

Os Estados providência assumindo a responsabilidade de atender aos direitos do cidadão à cultura, saúde, à educação, reconhecendo, portanto, o direito das pessoas ao desporto e o papel por ele desempenhado no desenvolvimento das sociedades, empenharam-se em pôr em prática uma política de desporto para todos, através da criação de instalações desportivas diversificadas, de espaços livres para a prática desportiva, de programas de animação, de recrutamento e formação de pessoal especializado, de generalização de subsídios a associações, etc. (Almeida, 2001).

Deste modo, nos discursos dos poderes públicos é possível constatar uma aproximação entre a prática desportiva e o estado da saúde, entre o desenvolvimento do desporto para todos

e a elevação do nível de vida em geral. A prática desportiva passa a ser vista como um valor de interesse social do ponto de vista sanitário, revelando um papel de prevenção. A prática regular de uma actividade física interliga-se com uma vida sã.

Como resposta ao surgimento de diferentes formas de estar e participar no desporto, ocorre uma articulação da oferta às condições de procura, passando a coexistir no sistema desportivo diferentes interesses e objectivos nem sempre concorrentes para o mesmo fim (Almeida, 2001).

De um modelo restrito abrangendo “um número limitado de actividades humanas que supõem ou têm como ponto de partida a competência técnica, a condição física e a resistência mental ou que geralmente são realizadas num contexto de competição” (Claeys, 1984: 3), novos comportamentos e atitudes surgiram face às práticas desportivas, incluindo-se nestas práticas, actividades que nunca passariam pela cabeça dos aristocratas ingleses que no séc. XIX difundiram pelo mundo a ideia de *fair play* e de organização do clube desportivo amador.

Nesta linha, Urbain Claeys (1984) entende que são quatro os elementos essenciais da definição actual do conceito de desporto: o movimento (actividade física e intelectual humana), a competição (rivalidade no sentido da relação desporto/performance), a institucionalização (existência de regras e normas institucionalizadas) e o lazer (carácter recreativo e lúdico); acrescentando que tais características encontram-se presentes de maneira variável nas diferentes modalidades e formas de praticar desporto. Trata-se, portanto, de uma concepção alargada de desporto, em que se defende a unidade das práticas consideradas “desportivas” e se rompe com a concepção que as restringia ao aspecto competitivo, enquadrador ou institucional (Almeida, 2001).

1.1. A Dimensão Social do Desporto

Como nos diz Jorge Araújo “é através da análise da evolução da sua modalidade, no seio das estruturas sociais, que a forma de estar do treinador vai sendo alterada no sentido de acompanhar as mudanças que contribuem para consolidar o desenvolvimento desportivo como reflexo do desenvolvimento social” (1998: 182). Este autor refere também que a dimensão social do desporto expressa-se através dos seus aspectos reconhecidamente culturais, científicos, pedagógicos, estéticos, e também pelos seus diferentes níveis de prática, de base, de pequena, média e alta competição, de lazer e recreação, de preparação e manutenção profissional.

Assim, sempre que correctamente orientado no plano social e pedagógico, o desporto representa um dos principais meios educativos e formativos dos cidadãos, com imprescindíveis contributos no âmbito da promoção da saúde e do rendimento profissional das populações, da formação multilateral da juventude, da melhoria da qualidade de vida, no preenchimento do tempo livre ou como factor de desenvolvimento sociocultural e turístico (Araújo, 1998).

Araújo (1998) refere ainda que a componente sociocultural do Desporto assenta nos valores morais, sociais e estéticos que regem a sua prática e no património de conhecimentos com ele relacionados que têm vindo a ser transmitidos ao longo dos tempos, de geração para geração, tendo em vista a superação dos que a ele se dedicam, mas só será positivo, como meio sociocultural, quando promova o desenvolvimento das capacidades globais de ser humano e seja orientado segundo perspectivas formativas e educativas que sobreponham os interesses dos cidadãos e da sua maioria, relativamente a quaisquer outros que eventualmente os procurem prejudicar.

O autor enfatiza a importância que Educação Física e o Desporto representam hoje, nas sociedades modernas, considerando-as “imprescindíveis meios de cultura e de desenvolvimento social, tendo como um dos seus objectivos fundamentais aperfeiçoar as formas básicas do movimento humano”, concluído que

corpo e espírito, matéria e ideia, fazem parte de um mesmo ser social, materializando-se grande parte dos produtos da actividade cerebral do homem através da escrita e da expressão corporal. É através do movimento corporal que se estabelecem as necessárias relações entre os cidadãos bem como a respectiva integração social e a expressão do seu nível cultural e de humanização.

(Araújo, 1998: 138)

2. CARREIRA PROFISSIONAL DE TREINADOR DESPORTIVO

Em relação aos treinadores, as ambiguidades conceptuais são um pouco difíceis de ultrapassar dada a fluidez das suas fronteiras. Quais os critérios de definição desta actividade que representa um desafio para as noções correntes de “profissão” e “trabalho”? (Almeida, 2001).

A actividade de treinador não conheceu o mesmo processo de profissionalização que outras profissões liberais. Este processo consistiu na organização dessas profissões através de associações privadas, que constituíram elas mesmas as suas definições e os seus mercados. Por outro lado, deste processo fez também parte a estratégia de ligação das instituições de formação dessas profissões, às universidades.

Em Portugal, o processo de profissionalização dos treinadores e o desporto em geral, terá ficado marcado pelo facto de, no início do séc. XX, se considerar que os desportos “não são um meio de aperfeiçoamento individual, mas antes de deformação física, quantas vezes de perversão moral” (Decreto n.º 21.110, de 16 de Abril de 1932). Podemos imaginar o que sentiram os então diplomados de Educação Física “que defendiam o alcance educativo de desporto, face a tão inspirada doutrina e que se atreviam a ensinar uma modalidade desportiva nas aulas de educação física!” (Lima, 2000:7).

Em pleno regime ditatorial, da década de 40 até à Revolução de 74, o Estado exerceu sobre o desporto um controlo total, como meio de atingir a cultura física geral do país (Almeida, 2001).

Em 1974, é criado um sector de formação, no âmbito da estrutura da então Direcção-Geral dos Desportos, com o objectivo de apoiar as Federações na organização de cursos e acções de formação para os vários agentes desportivos, para em 1977, institucionalizar-se o sector de formação, criando-se no seio da DGD, o Instituto Nacional do Desporto que compreende uma divisão de formação, e institui-se um modelo de formação dos agentes desportivos que atribui ao Estado a responsabilidade pela “formação de quadros técnicos desportivos, com excepção de professores de Educação Física” (Decreto-Lei n.º 553/77 de 31 de Dezembro). Entretanto, em 1985, são definidos os princípios e estabelecidas as regras que condicionam o acesso e o exercício da actividade dos treinadores desportivos no âmbito do desporto federado (Decreto-Lei n.º 163/85, de 15 de Maio).

Em 1991 a formação dos agentes desportivos, nomeadamente dos treinadores, passa a estar cometida às Federações desportivas (Decreto-Lei n.º 350/91 e Decreto-Lei n.º 351/91, ambos de 19 de Setembro). Institui-se assim um modelo em que o Estado se vê desresponsabilizado quer pelo funcionamento, quer pela qualidade da formação dos agentes desportivos.

Por fim, o Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de Outubro, enquadra a formação dos treinadores no âmbito da formação profissional inserida no mercado de emprego, definindo os treinadores como:

Os indivíduos que intervêm directamente na realização de actividades desportivas, a quem se exige o domínio teórico-prático da respectiva área de intervenção” e que “conduzem o treino dos praticantes desportivos com vista a desenvolver condições para a prática e reconhecimento da modalidade ou otimizar o seu rendimento desportivo, independentemente da denominação que lhe seja habitualmente atribuída

Assim, a formação dos treinadores tem-se mantido, desde o início do século, pouco associada à universidade (Almeida, 2001). Apesar da formação de uma parte dos treinadores passar pelo ensino universitário, a de muitos outros está mais próxima da do artesão, implicando poucos aspectos teóricos e abstractos e sem qualquer ligação à universidade.

Como questiona Teotónio Lima, “se não se aceita que, no sistema educativo, a função de docente seja exercida por quem não tenha habilitação própria, como é que vamos admitir que, no sistema desportivo, aqueles que ensinam, treinam e dirigem crianças e jovens sejam dispensados de uma habilitação apropriada? (...) No mínimo há que assegurar para todos os treinadores a formação inicial e a formação contínua como condições necessárias ao exercício da sua importante função no desenvolvimento desportivo nacional e à sua elevada missão formativa junto da juventude” (2000: 13). Desta forma não é possível exercer um controlo sobre a entrada no mercado de candidatos a treinadores, nem sobre os termos e condições da concorrência pelas posições que esse mercado oferece.

Segundo a Classificação Nacional das Profissões, de 1994, os treinadores, apesar de não terem a sua formação associada de forma sistemática com o ensino superior, são considerados fundamentalmente “trabalhadores intelectuais”, sendo o seu trabalho suficientemente valorizado em termos culturais. A razão para esta classificação prender-se-á com o facto de, se poder estabelecer uma semelhança entre a actividade de professor e do treinador.

Assim, Teotónio Lima afirma que

É pertinente dar o relevo necessário à função de treinador, à importância da posição social que este ocupa no desporto do nosso país por duas razões: uma, por ser um interveniente responsável na formação dos jovens e um indivíduo que cria uma imagem pública, que o situa desde logo com educador; outra, por ser alvo de exaltação ou humilhação na medida em que é responsabilizado, de uma forma alienante e alienada, pelos feitos desportivos das equipas.

(2001: 78)

2.1. O Desporto e a Representação de um “Bom” Treinador

Estamos em condições de afirmar que o desporto é hoje reconhecido em muitas culturas como parte indispensável da vida civilizada. O seu valor no processo de desenvolvimento das crianças e jovens é inquestionável. É, sem dúvida, um importante factor de desenvolvimento humano. Por continuidade poder-se-á afirmar que a Educação Física e Desporto, dimensões essenciais da educação e da cultura, devem (entre outros aspectos) desenvolver as aptidões, a

vontade e o auto domínio de qualquer ser humano e favorecer a sua integração no meio social (Sá, 1994).

Assim, muitos dos problemas que afligem o sistema desportivo direccionam-se para os treinadores e para o seu papel decisivo na organização, condução e orientação do processo desportivo, o que denota um sentido de responsabilidade extrema por parte deste.

No entanto, parece existir uma aparente contradição. O avanço das ciências e da complexidade do treino, aliados às condições deficitárias dos clubes, e à imagem que a sociedade tem das actividades desportivas, transformam a profissão de treinador, num universo de tarefas de complicada execução (Sá, 1994).

Na verdade, o treinador como agente de ensino e como condutor de comportamentos, assume uma responsabilidade inegável em termos educativos (Sarmiento, 1992). Ao ser um condutor do processo educativo e ao ser responsável por uma série de atitudes pedagógicas, também este terá que estar munido de uma série de competências científicas e éticas, e ainda uma variada gama de competências de índole pessoal e social. Neste sentido, poder-se-á dizer que o treinador e o professor, por analogia, são bastante parecidos no seu desempenho. Ambos têm a responsabilidade de estimular, preparar e motivar bem como executar determinadas tarefas, de lhes transmitir conhecimentos com elas relacionados e depois avaliá-las (Sá, 1994).

Os treinadores, tal como os professores, possuem grande influência sobre as crianças e os jovens com quem trabalham, através da forma como expõem as suas matérias, como fazem as coisas, como as dizem e assumem o seu papel de modelo. A valorização do ser humano como ser social e como indivíduo criador de factos culturais é fonte de preocupação para ambos (treinador e professor) e através de um conjunto de regras e de princípios fazem a sua “luta”. (Sá, 1994).

Em Portugal, como em muitos países europeus, o principal responsável pela actividade desportiva são sem dúvida os clubes, e desta forma assumem um papel imprescindível no “tecido desportivo” do país. Os clubes são, assim, o local de desenvolvimento do trabalho dos treinadores, desta importante realidade social que é o desporto.

A polivalência dos treinadores cada vez se torna mais uma realidade efectiva, dado que as suas funções assumem cada vez mais papéis diversificados e só com esta polivalência é possível responder às exigências com que são confrontados. No entanto também reconheço que o conhecimento específico técnico-científico será um pilar para lógicas de sucesso desportivo e formativo. Relativamente ao conceito de “Bom” treinador será difícil encontrar um consenso generalizado sobre este tema.

Martins (1990) é da opinião que relativamente ao perfil do técnico desportivo ideal, dificilmente se conseguirá prescrever uma “receita” unicamente eficaz; poderão, isso sim, ser identificados traços de personalidade comuns a técnicos bem sucedidos, mas a diversidade de situações de treino impedirá, certamente, que se chegue a uma conduta estereotipada eficaz.

Na esteira desta problemática Araújo (ap. Cunha et al, 2000) considera que um treinador deverá obrigatoriamente ter um papel decisivo no rendimento e qualidade do treino, formar o atleta como sujeito e não como objecto, estimulando uma relação interpessoal responsável, estimular o progresso e o rendimento dos seus atletas, observar, planificar, antecipar, registar e avaliar os resultados, corrigir estratégias de intervenção, mobilizar o interesse individual e colectivo, possuir um conhecimento alargado, motivar os atletas e os dirigentes para os objectivos, e definir objectivos e regras claras.

Gonçalves (1987), numa linha de investigação pedagógica, refere que um bom treinador é aquele que integra no seu trabalho a organização do treino, a apresentação das actividades, maximização do tempo de empenhamento motor dos atletas, a observação e a reacção à prestação motora dos atletas, e a criação de um clima positivo.

Partington (ap. Cunha et al, 2000) defende que existe um conjunto de características que devem ser melhoradas por todos aqueles que pretendem melhorar a sua intervenção, tais como a atitude competitiva e equilibrada, empenho, confiança, enquadramento afectivo, bom relacionamento social, abertura e divertimento, imaginação, etc.

Sá (1994) aponta que raros têm sido os estudos efectuados nesta área no contexto português, principalmente aqueles que dizem respeito ao conhecimento das percepções e representações que os estudantes de Educação Física possuem deste conceito. Constitui excepção feita a esta análise o trabalho de Carreiro da Costa et al (ap. Cunha et al, 2000) que, questionando os alunos universitários de Educação Física dos 1.º e 5.º anos sobre as suas concepções do que é um bom treinador, verificou que a capacidade pedagógica (55,6%), o resultados desportivos (vencedor – 39,6%) e as características pessoais e atitudes (37,7%), foram as principais respostas obtidas.

As opiniões dos alunos do 1.º ano traduzem um bom treinador como sendo aquele que possui um alto “skill” pedagógico, enquanto os alunos do 5.º ano valorizam mais aquele que possui e desenvolve habilidades e “skill”, preserva princípios éticos e morais e obtém bons resultados desportivos.

Colocando a questão sobre quais as principais funções que um treinador deverá desempenhar no contexto desportivo, as respostas dadas por estes mesmos alunos diferenciavam-se em dois grupos, o que se ficou a dever à valorização que os finalistas

atribuíram às funções cooperativas e à capacidade para realizar as diferentes tarefas. No entanto as características particulares de um bom treinador foram focadas através das imagens que ambos detinham.

2.2. Perfil Geral de Competências do Treinador

Teotónio Lima (2001) diz que as intervenções do treinador enquadram-se numa perspectiva que tende a definir os valores humanos e sociais pelos quais afere e ajusta a sua conduta individual e social, e em função dos quais “dá vida” aos projectos que procura realizar por forma a identificá-los com a sua própria personalidade. Acrescenta ainda que nas mais das vezes essa personalização não passa de um “seguidismo” em relação ao modelo socialmente imposto e surge mais raramente como resultado de elaboração e criação de uma personalidade bem marcada.

Segundo Coelho (ap. Simão, 1998) a formação do treinador deve assumir um carácter permanente e acompanhar a evolução dos conhecimentos e da própria ciência do treino, pois o trabalho do treinador desportivo exige uma preparação técnica, pedagógica e científica, adequadas.

Lima (2001) afirma que uma das questões mais comuns feita pelos atletas, pelos jogadores e por muitos daqueles que acompanham a prática desportiva é “Quem é o treinador?”. E continua, “não é uma pergunta que peça, como resposta, um apontar de dedo para dizer – é aquele, ali! É uma pergunta cheia de significado quando é feita pelos jogadores! É uma pergunta que expressa da parte do autor – criança, jovem ou adulto – a necessidade de saber “como é o treinador”, que tipo de pessoa é, que competência tem!”. E o autor diz que esta questão é colocada resultado “da experiência pessoal de cada um, da criança ao adulto, no que respeita à influência que os têm sobre as aspirações que se desejam ver realizadas”.

Colocando a tónica da formação de treinadores derivando da sua relação estreita com o desenvolvimento desportivo, Coelho (ap. Simão, 1998) diz que ela deve ser coerente, integrada, equilibrada, participada, planeada e programada. Ainda relativamente a este aspecto, Lima (2001) defende que no mínimo há que assegurar a formação inicial e a formação contínua para todos treinadores, como condições necessárias ao exercício da sua função.

Lima (2001) diz ainda que para ser treinador é indispensável possuir um determinado “perfil” de personalidade que evidencie traços dominantes das qualidades e das capacidades que, nas relações sociais, dinamizam um processo de aceitação e do reconhecimento do

indivíduo que interfere na realização das aspirações pessoais, grupais ou sociais. Ao fim e ao cabo é necessário ter consciência que a função de treinador tem um alcance social, de que os objectivos do desporto se integram na valorização do ser humano, de que a sua conduta deve ser exemplar, de que o êxito dos jogadores e da equipa não se confina exclusivamente à vitória, de que o desenvolvimento da personalidade implica o respeito pelos direitos humanos e de que a superação qualitativa das manifestações humanas só adquire significado cultural quando obtida com trabalho árduo e persistente. Ainda que reitere a opinião de Jorge Araújo (1998: 154), defendendo que “não existem treinadores ideais, muito menos um perfil único de treinador”.

Araújo (ap. Simão, 1998) refere que a melhoria da capacidade de intervenção do treinador passa por alterar o panorama actual, através do estabelecimento de regras para a carreira de treinador que tornem a profissão mais aliciante, assim como a definição de um perfil de treinador cuja formação crie um compromisso claro entre o conhecimento prático e o conhecimento científico, devendo respeitar os princípios de continuidade, integração científico-pedagógica, unidade e diversidade, individualização e harmonização entre a formação recebida e a intervenção profissional. O verdadeiro segredo dos treinadores com sucesso reside, para si, entre outros factores, na capacidade de criar nos atletas e dirigentes a motivação própria de quem se sente a participar e a contribuir para o progresso colectivo. Ainda segundo Araújo (1989) um projecto de formação de treinadores tem de privilegiar uma estratégia de intervenção, em que a importância do seu contributo social esteja perfeitamente clarificada, para além de uma intenção de projectar o sistema desportivo numa via de desenvolvimento.

Para Teotónio Lima (2001: 29), “o treinador confina, por formas objectivas de trabalho, a sua maneira de agir em intervenções, no acto de ensinar, de treinar e de orientar, que se vinculam a um código ético, social e cultural de comportamento, a um código de direitos e deveres, que desde logo tem um significado de rejeição pela neutralidade da sua própria actuação e pela neutralidade do desporto”. O mesmo autor salienta ainda que “o desporto é parte da educação integral e actividade social tão importante como qualquer outra”.

Observar e analisar, recolher e tratar informações, estabelecer relações sociais e trabalhar em grupo, comunicar com linguagens e a níveis diferentes, pressupõe uma cultura geral e uma experiência de vida, sem as quais os treinadores não estarão habilitados para enfrentar a diversidade de situações profissionais que o futuro lhes reserva.

Partindo da definição de cinco grandes categorias que definem as funções do treinador – promoção do desenvolvimento social e emocional dos atletas, promoção do

desenvolvimento dos conhecimentos dos atletas, aptidões referentes aos materiais e aos métodos pedagógicos, acção pedagógica junto dos restantes agentes (dirigentes, árbitros de formação, adeptos, etc.), desenvolvimento pessoal e dos clubes, associações e federações onde trabalhe – Araújo (ap. Simão, 1998) defende que uma correcta metodologia a prosseguir nas actividades de formação de treinadores deve implicar preocupações relativas a aquisição de conhecimentos (saber), um domínio das técnicas (saber fazer) e uma transformação positiva e continuada das atitudes (saber estar).

Outros autores defendem que o treinador tem de ser um bom gestor. Deve possuir capacidade técnica, capacidade de relacionamento humano e capacidade conceptual.

Para Lima (2001) o treinador deve ser conhecedor de tudo o que diz respeito à modalidade de que é considerado especialista e saber actuar de acordo com os conhecimentos que possui. O que se espera do treinador é que tome as decisões apropriadas às situações, e que estas sejam claras, objectivas e atempadas.

Antonelli & Salvini (Ap. por Serpa, 1995) observam que a acção do treinador deve subscrever a execução de quatro papéis fundamentais, no contexto desportivo: “Técnico”, dependendo o seu desempenho da sua experiência, competência específica e capacidades adquiridas, assim como competências criativas; “Educador”, pois tem influência na formação da personalidade dos jovens com quem interage; “Gestor”, no que concerne aos aspectos técnicos e sociais; “Líder”, devendo ser aceite, naturalmente, pelos atletas.

Nos aspectos que dizem respeito à formação, Curado (ap. Simão, 1998) diz que o desenvolvimento desportivo tem de passar, obrigatoriamente, por uma formação sólida e contínua dos agentes desportivos. Para o autor, o que se pede aos treinadores é, apenas, o seguinte: uma grande competência, alicerçada numa sólida formação, a qual terá de ser, por um lado, multilateral e, por outro, especializada. Os treinadores têm de saber tudo da sua modalidade, afirma. É também inegável para este autor, que a actualização permanente de conhecimentos é uma necessidade, podendo ser conseguida de diversas formas.

É ainda referido por alguns autores que a actuação do treinador requer a transmissão de conhecimentos que deverão advir do saber científico e da capacidade de transmitir essa sabedoria, transformando-a em aprendizagens dos praticantes, bem como que os treinadores devem dominar instrumentos suficientes para modificar certos conhecimentos indesejáveis dos atletas.

Há também vários autores que dizem que o treinador deverá ser capaz de criar à sua volta um clima de confiança mútua e estabilidade, possibilitando que as diversas tarefas a

realizar pelos diferentes agentes desportivos decorram num ambiente agradável, pois ele é a personagem mais importante do fenómeno desportivo, em especial para os atletas.

Rosado (ap. Simão, 1998) procurando definir um modelo de formação de treinadores, desenha um perfil de competências a desenvolver referindo que devem orientar-se no sentido de otimizar as influências do treinador sobre os jovens enquanto atletas, e que potencia uma influência sobre o nível de prática da modalidade, mas também sobre o jovem enquanto pessoa.

Importa, em seu entender, que se realize um esforço no sentido de se acordar acerca dos perfis profissionais dos treinadores, das suas funções, conhecimentos e competências profissionais, organizando modelos de formação homogéneos, de qualidade, que dignifiquem os treinadores e a sua actividade e, sobretudo, qualifiquem a orientação dos jovens enquanto atletas sob a sua responsabilidade.

O treinador exerce, em primeiro lugar, afirma Rosado, influências sobre os atletas que provocam modificações nas estruturas psicomotoras, cognitivas e sócio-afectivas, transformações que visam melhorar o rendimento desportivo dos atletas a seu cargo.

Se o treinador exerce uma influência não só sobre o nível da prática da modalidade, sobre o jovem enquanto atleta, mas, também, sobre o jovem enquanto pessoa, defende o autor que o objectivo de qualquer modelo de formação e de qualquer perfil de competências a prescrever deverá orientar-se no sentido de otimizar as referidas influências do treinador sobre os atletas.

Assim, este autor apresenta um conjunto de competências tais como, competências académicas gerais, conhecimento da modalidade, competências de elevação dos factores da condição física, competências didáctico-metodológicas gerais, conhecimentos didáctico-metodológicos específicos da modalidade, competência de planificação e avaliação, competências de conhecimento do Homem como ser bio-psico-social, competências de produção, e divulgação de saberes profissionais, e competências “escondidas” de ser treinador, que na sua perspectiva, devem contribuir para otimizar essas influências,

Lima (2001) entende que é tempo de reconhecer que treinar é algo mais do que ensinar as técnicas desportivas, conhecer as regras, saber de cor e salteado as táticas, planificar e organizar a preparação, utilizar racionalmente o tempo destinado a cada exercício e dominar a metodologia do treino desportivo! Porque é tempo de valorizar a função do treinador, o conhecimento dos objectivos da educação, os princípios inerentes à educação física e as metas sociais e culturais do desporto.

Porque ser treinador é intervir num processo que contribui, significativamente, para o desenvolvimento do ser humano e para a sua integração na vida social. Porque ser treinador é dirigir um processo que se pretende educativo e formativo e que, enquanto tal, deve favorecer a valorização humana desde o jogo à alta competição; deve proporcionar a oportunidade de participar e progredir na prática desportiva a crianças, jovens e adultos; deve respeitar os interesses profundos e os direitos fundamentais dos praticantes seja qual for a sua capacidade e origem social (Lima, 2001).

3. TREINADOR DE CRIANÇAS E JOVENS

3.1. Perfil do Treinador de Crianças e Jovens

Em si mesmo, o desporto não é bom nem mau. Os aspectos positivos e negativos associados ao desporto não resultam da participação em si, mas da natureza da experiência vivida. Frequentemente, chegamos à conclusão que um elemento importante na determinação da natureza daquela experiência é a qualidade da liderança dos adultos que a dirigem.

Tony Byrne

Em todas as fases do processo de preparação desportiva, a figura do “treinador” desempenha um papel fundamental na construção do conceito de prática desportiva e do autoconceito do atleta (Silva et al, 2002). Segundo estes autores, existem, ainda, falta de dados concretos sobre quais os aspectos mais importantes que um treinador de jovens deve ter. Assim, tanto o perfil como o modelo de intervenção do treinador de crianças e jovens continuarão a oscilar entre duas referências habitualmente apresentadas como extremos inconciliáveis – o “professor”, em especial o professor de Educação Física, por um lado; e, por outro, o “treinador”, de acordo com a representação vulgar do treinador de atletas de alto rendimento.

Para melhor compreensão deste estudo é necessário saber quem são os treinadores dos jovens, qual a sua formação, a sua idade e género. Assim, segundo um estudo realizado pelo Centro de Estudos do Desporto Infante-Juvenil da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, onde foram inquiridos 57 treinadores de atletas infanto-juvenis, de 4 modalidades diferentes, estes treinadores têm idades compreendidas entre 21 e 50 anos, estando a maior concentração no grupo etário 21-40 anos, sendo na maioria homens (apenas 7 mulheres). Todos declararam serem ex-praticantes da sua modalidade presente. Todos tinham, pelo menos, habilitações secundárias, existindo 22

licenciados e 1 mestre, sendo que apenas 17 tinham formação em Educação Física. No que respeita a formação técnica desportiva, a maioria eram treinadores de 1.º a 3.º níveis, existindo 11 sem formação técnica desportiva.

Como salienta António Marques a formação de agentes desportivos “é uma condição para uma intervenção de qualidade” (Ap. Lima, 2000: 35), designadamente quando essa intervenção se consuma junto das crianças e jovens. Isto para que o ensino e treino nos jogos desportivos colectivos dirigidos às crianças e jovens deixe de ser uma cópia do que é feito na preparação desportiva dos adultos (Lima, 2000).

Existem várias referências aos objectivos dos treinadores de jovens, sobretudo orientações metodológicas, relacionadas com o treino, e várias referências aos “deveres” e funções dos treinadores de jovens. São estas as referências, pelo que a maioria dos treinadores se guia para desempenhar o seu papel, pois é isto que é normal esperar dele.

Assim quais são os principais objectivos dos treinadores de jovens? Adelino, Vieira e Coelho (2001) dizem que os treinadores de jovens devem contribuir para a formação dos jovens em todas as suas facetas; devem desenvolver o gosto e o hábito da prática desportiva regular; devem orientar as expectativas dos jovens num sentido realista; promover o seu desenvolvimento físico geral, de uma forma equilibrada e harmoniosa; e, garantir a aprendizagem e o aperfeiçoamento das técnicas básicas.

Ser treinador de crianças e jovens é uma função que constitui em si mesmo um permanente desafio e que exige um empenho pessoalmente gratificante. Porém, é com alguma surpresa que, muitas vezes, se vê subestimar a importância desta actividade, quer por parte dos pais e dos jovens atletas, quer pelos próprios treinadores. No exercício desta função surge a oportunidade de formar o carácter dos jovens, durante fases bastante importantes da sua vida. O treinador pode, assim, deixar marcas duradouras e de grande significado nos atletas em formação (Smoll, 2000).

O mesmo autor afirma ainda que o treinador desempenha um papel central e decisivo na definição do ambiente desportivo da juventude, ensinando os elementos da técnica e da tática da modalidade e contribuindo para o desenvolvimento da respectiva capacidade física. Porém, para além disso, o treinador torna-se um adulto com grande significado na vida do jovem atleta e consegue exercer uma influência profunda e positiva no desenvolvimento pessoal e social do jovem.

3.2. O Papel do Treinador de Jovens

Os jovens precisam de modelos, não de críticas!

Wooden (1988)

Os jovens praticantes têm de começar por saber que o seu treinador se preocupa com eles, antes de se preocuparem com aquilo que ele sabe.

Jack Donohue

Uma ideia básica no desporto infanto-juvenil é que “as crianças e os jovens devem ser o sujeito de todas as prioridades do desenvolvimento social, cultural e desportivo” (Lima, 2000).

É preciso afirmar que o treinador é um professor dos jovens praticantes. No desempenho desta função o treinador deve recorrer a uma intervenção positiva, por oposição a uma via negativa de influenciar o comportamento do atleta.

Esta via positiva envolve a utilização do elogio e do encorajamento, no sentido de fortalecer e influenciar o tipo de comportamento desejado. Pelo contrário, o recurso a uma atitude negativa nesta relação implica o uso de várias formas de punição, tendo em vista eliminar as características indesejáveis do referido comportamento.

Os estudos realizados sobre esta temática indicam que a intervenção pela negativa aumenta a pressão sobre os praticantes, faz diminuir o gosto pela prática e provoca neles uma certa antipatia relativamente ao treinador. Recomenda-se este modo o uso dos vários tipos de reforço positivo. Segundo Orlick (1999) criar um ambiente positivo é o começo daquilo que de bom a actividade desportiva pode proporcionar às crianças e aos jovens.

O trabalho que os treinadores desenvolvem com as crianças e jovens é extremamente importante, podendo influenciar as suas vidas de diferentes maneiras, de tal modo que, por vezes, essa influência consegue ser mais forte do que aquela que é conseguida pelos próprios pais. Desta forma, é notório o elevado significado do papel que desempenham na vida dos jovens seres humanos às suas “ordens” (Orlick, 1999).

O mesmo autor diz ainda que a primeira etapa da criação desse ambiente positivo na actividade, é fazer com que as crianças e jovens sintam que são aceites, que se preocupam com elas, que são importantes para as pessoas que as rodeiam. Se sentirem isso, se virem que os treinadores as encaram dessa maneira, vão sentir-se bem consigo próprias e normalmente, também na actividade que realizam.

Lima (2000) afirma que uma das tarefas mais importantes dos treinadores de jovens é desenvolver o gosto pelo treino, e não pode deixar escapar as oportunidades que ajudem a desenvolver o gosto pelo treino, pois para um jovem que gosta da sua modalidade, que gosta do seu jogo, é fácil suportar os esforços para jogar bem, e para se sentir bem sucedido no que tem de fazer no treino.

Segundo Bompa “a maioria dos treinadores está primariamente preocupada com o desenvolvimento físico, técnico, tático e psicológico dos seus praticantes”, mas, acrescenta, “é também importante para o treinador ajudar os praticantes a desenvolver competências que ao ajudem a ter sucesso, uma vez que as suas carreiras desportivas terminem” (Ap. Cunha, 1999: 26). Neste sentido, Cunha (1999) considera fundamental que não haja hiatos no processo de integração dos jovens jogadores no contexto social.

Bompa (Ap. Cunha, 1999: 29) sugere ainda que se estabeleça “um sistema que abasteça as necessidades holísticas dos atletas; um sistema que desenvolva grandes pessoas, não somente grandes atletas.”

Uma das “frases feitas” muito ouvida do desporto, que dita de uma forma “ligeira” pode ser mal interpretada, ou mesmo constituir verdadeira irrealdade, é que a treinar os jovens deverão estar os melhores treinadores. (Adelino, Vieira e Coelho, 2001).

Segundo estes autores treinar adultos não é igual a treinar crianças que se iniciam numa modalidade desportiva, ou mesmo que estejam numa fase de orientação. Desde regras, passando pelas metodologias de treino, o tipo de relacionamento estabelecido entre treinador e praticante, tudo é diferente, logo não podemos pensar que os treinadores que tiveram os melhores resultados com seniores sejam os mais adequados para os jovens. Ao proceder deste modo poderemos estar a impedir que a prática desportiva infanto-juvenil possa melhorar. Defendem ainda que, a dirigir a preparação dos jovens, estejam treinadores qualificados para tal. Habilitados e conhecedores dos métodos mais adequados para essas idades, das prioridades da sua intervenção, possuidores duma filosofia de trabalho ao serviço dos interesses e necessidades dos jovens. Assim, já que os objectivos nem sempre coincidem, deveria haver lugar a formação específica de técnicos para jovens, e só estes, estando habilitados para tal, deveriam orientar as equipas jovens, o que nem sempre acontece.

Adelino, Vieira e Coelho (2000) afirmam que treinar crianças e jovens é uma actividade extremamente interessante e atractiva mas que atribui a todos os que a acompanham, organizam e dirigem, em particular ao treinador, uma elevada responsabilidade face à sociedade, ao sistema desportivo e sobretudo ao próprio praticante.

Concluem dizendo que as funções do treinador de crianças e jovens ultrapassam substancialmente os aspectos relativos ao ensino da técnica e da tática e ao desenvolvimento das suas qualidades físicas, abrangendo outras áreas não menos importantes, que podem condicionar o seu comportamento desportivo, mas de que é possível, igualmente, extrair reflexos para a sua vida de cidadão comum.

Outra das “frases feitas” no que ao desporto diz respeito é que “o desporto faz bem à saúde” ou que “os jovens que aderem ao desporto beneficiam de um importante acção educativa”. No entanto muitas destas frases necessitam de uma reflexão cuidada, pois nem sempre corresponde à completa realidade.

Isto porque, como afirmam Adelino, Vieira e Coelho (2001) os efeitos positivos da prática desportiva juvenil não resultam da mera participação dos jovens no desporto, do facto de eles se envolverem numa actividade desportiva que se pretende organizada e sistemática, mas sim da qualidade da experiência que ali lhes vai ser proporcionada, situação esta que fica fortemente dependente da qualidade da intervenção dos diferentes adultos que, desempenhando diferentes papéis, conduzem e orientam essa mesma prática.

De entre estes, pelas funções que realizam, pelo significado da sua intervenção, pela proximidade e frequência de situações de comunicação em que participam, pelo envolvimento afectivo que estabelecem com os jovens que praticam desporto, os treinadores, em conjunto com pais e dirigentes, assumem o lugar de maior destaque na criação de um ambiente favorável aos objectivos de uma prática desportiva juvenil saudável e na responsabilidade acrescida de conseguir o carácter educativo que ela pode efectivamente assumir, concluem os mesmos autores.

Pate et al (1995) reforçam o que foi dito antes afirmando que se há um potencial positivo pela participação na actividade física, o inverso não é menos verdade. Um mau ensino ou uma deficiente prática, com conteúdos inapropriados às capacidades e possibilidades individuais, pode deteriorar a imagem pessoal e criar condições favoráveis a um afastamento da actividade física enquanto entidade característica de um determinado estilo de vida.

É também consensual que o treinador serve como exemplo aos jovens que orienta.

Adelino, Vieira e Coelho afirmam que o treinador de crianças e jovens exerce sobre estes uma importante influência com o seu exemplo e as suas atitudes. Aquilo que fizer, os valores que transparecerem do seu comportamento do dia a dia, podem ajudar os praticantes tanto ou mais do que o ensino da técnica e da tática. A forma como os atletas se comportam

no treino e a atitude que assumem durante o tempo em que estão a treinar, podem igualmente depender do exemplo que lhes é fornecido pelo treinador.

Os mesmos autores acreditam convictamente que a atitude do treinador no treino é “contagiosa”. O seu entusiasmo, a atenção que coloca no trabalho, a organização que revela, a disciplina com que dirige a sessão de treino, são argumentos decisivos para transferir para os praticantes o entusiasmo, a atenção e a disciplina, indispensáveis a uma boa sessão de trabalho.

A maioria das pessoas aprende melhor seguindo um bom exemplo, do que através das palavras que lhe sejam ditas sobre a maneira correcta de agir.

Jerry Wainwright

Não podem esperar que a vossa equipa siga os vossos conselhos e ignore o vosso exemplo.

Basketball Sense

3.3. A Relação Treinador-Atleta

Cratty (ap. Serpa, 1995) realça o aspecto ambivalente da relação treinador-atleta quando escreve que o treinador pode ser para o desportista “pai, antagonista, irritante, confidente, muitas vezes psiquiatra e, como se espera, professor”. Acrescenta que, sendo desde muito cedo modelo para os jovens, é também em muitos casos a primeira experiência de autoridade que vivem fora de casa.

Na realidade, segundo o autor, o poder do treinador assenta no facto de poder punir ou premiar o atleta na circunstância elementar da prática que consiste em permitir-lhe jogar ou deixá-lo ficar no banco, o que cria neste um sentimento de profunda dependência. Este autor faz notar que, nas entrevistas que realizou com atletas, estes lhe dizem que mantêm pensamentos constantes sobre o treinador, quer negativos, quer positivos, levando, muitas vezes, o respeito que têm pelo treinador e a inerente vontade de lhes agradar, a provocar-lhes uma profunda ansiedade pela possibilidade de os desiludir nas suas prestações competitivas. Os atletas relatam, igualmente, que o treinador ocupa um lugar central nos sonhos sobre o desporto, sendo a figura mais presente. Aliás, num estudo realizado em 45 atletas de vários desportos da Costa do Marfim, que o principal pensamento dos sujeitos, depois de um mau resultado, é a preocupação com o que dirão deles os treinadores, paralelamente com o que se refere à opinião dos dirigentes e adeptos.

Cratty (ap. Serpa, 1995) chama ainda a atenção para as mudanças do tipo de relação, ao longo do tempo, entre técnico e praticante que deverão acompanhar o processo de maturação pessoal e desportiva do atleta. Ligado a este aspecto, foca a difícil situação com que por vezes, os desportistas são confrontados, ao constatarem que a evolução que tiveram, ao longo das quais foram acompanhados pelos seus treinadores de muito anos, ultrapassou as capacidades deste, o que determina um conflito psicológico inerente à decisão de mudar de treinador, cortando desta forma uma relação de profundo significado afectivo.

Outros autores alertam para a incompatibilidade de personalidades que podem surgir entre atleta e treinador, o que pode levar ao conflito e consequente baixa de prestação do atleta e abandono da prática.

Para Davies (ap. Serpa, 1995), a influência do treinador nos atletas será tanto maior quanto estes percepcionem que ele compreende a vivência que estão a ter da situação competitiva, o que contribui, em grande medida, para a harmonia de pensamento e atitudes entre atletas e treinador, com significativo impacto no sucesso da díade.

Discutindo os processos psicológicos subjacentes à participação em competição, Vanek (ap. Serpa, 1995), dá destaque aos aspectos que concernem à relação treinador-atleta, salientando a importância do treinador na influência e gestão do comportamento do atleta. Nesta medida, afirma que a interpretação que os treinadores fazem das boas e das más prestações tem forte influência no sucesso ou insucesso dos atletas, uma vez que estes identificam o resultado desportivo com o sucesso da prestação, sem os avaliarem relativamente a objectivos pessoais independentes daqueles resultados e desenvolvendo, por isso, grande tensão emocional ligada às aspirações que criam. Por outro lado, também a interpretação do treinador sobre as oscilações de forma dos atletas, nomeadamente das quebras se seguem às competições importantes, tem reflexo na responsabilização sentida por estes relativamente à prestação. Conclui com a afirmação que, tendo ambos os actores que aprender a conhecer-se, a colaboração entre eles constitui a base psicológica da individualização do treino que, segundo Vanek,

Diz respeito à habilidade do treinador, não apenas em seleccionar estratégias de treino mais convenientes, mas também apontar os papéis sociais que correspondem aos objectivos educacionais e de treino e que facilitem uma comunicação multidimensional com a personalidade do atleta.

Assim, por via das suas funções, maturidade, experiência e formação que deve ter, cabe ao treinador a responsabilidade de iniciar o processo de hetero, mas também de auto-conhecimento.

A partir de um inquérito junto de treinadores franceses de futebol Crevoisier (ap. Serpa, 1995), foram encontrados três tendências que concernem às características da relação treinador-atleta de acordo com as opiniões dos sujeitos do estudo: (1) devem ser profundas, para além dos aspectos profissionais, prevalecendo uma orientação para as relações humanas; (2) devem ser distantes e limitadas, prevalecendo uma orientação para a tarefa; (3) devem ser frequentes, de acordo com as necessidades e características dos jogadores com quem se trabalha.

Na sequência da mesma questão, os treinadores também se dividem quanto ao nível de afinidade que deve existir entre praticante e técnico, defendendo uns que deve ser elevada, outros que é preferível que haja um distanciamento e outros, ainda, que depende da personalidade e experiência do treinador. No entanto, de um modo geral, os resultados globais apontam, sobretudo com os jovens, para que tenham um papel extra-técnico de confidente que, se é relativamente vulgar ao nível da procura que os atletas fazem quanto ao aconselhamento pessoal, já é raro no que respeita às confidências técnicas, evitadas pelos praticantes.

O mesmo estudo mostra ainda que o autoritarismo é considerado por muitos como sendo necessário, numa relação em que os jogadores são trabalhadores e devem obedecer à maior competência do treinador. Uma segunda tendência reconhece ser útil o enriquecimento da comunicação entre ambos os actores.

Um outro trabalho de Schmole (ap. Serpa, 1995) refere que os atletas alemães, comparativamente com os franceses, dão maior importância ao reconhecimento social, e uma conseqüente maior importância à relação treinador-atleta, recusando, todavia, os vínculos de carácter autoritário.

Outros autores realçam, por seu turno, a influência do técnico, enquanto pessoa significativa para os atletas, na auto-confiança destes, sugerindo que seja desenvolvida a investigação psicológica nesta área.

Por sua vez, Anshel (ap. Serpa, 1995) tem-se preocupado com a importância que o treinador assume enquanto principal regulador do comportamento dos atletas o que, na sua opinião, estará relacionado com o facto destes lhe dedicarem uma credibilidade superior à que é normalmente dedicada a qualquer outro modelo social.

Assim, pode-se constatar que as decisões do treinador, sendo muitas vezes aleatórias e em função das próprias interpretações e atitudes, interferem profundamente na vida desportiva e pessoal dos desportistas que orientam, daí resultando consequências positivas ou negativas para estes. Fazem-no não só através das opções de gestão das situações de treino e competição, mas ainda das suas atitudes gerais no processo desportivo e, com grande impacto, nas suas formas de comunicação directa com o atleta.

4. OS PAIS

Segundo Smoll (1998) existem vários tipos de pais na actividade física dos filhos. Existem os pais desinteressados, que estão frequentemente ausentes da prática desportiva das crianças, ou seja, não observam, não questionam acerca do decorrer de actividades e nem sequer existe interacção com o professor/treinador; existem os pais super-críticos, que parecem nunca estar contentes com o desempenho da criança na actividade física; existem os pais “professores de bancada”, que estão constantemente a dar instruções às crianças, nomeadamente através de linguagem gestual; e existem os pais super-protectores, que habitualmente referem retirar a criança da actividade desportiva em causa.

Relativamente ao papel dos pais e professores vários autores referem como fundamental reconhecer a importância da necessidade de ouvir; estar concentrado no momento de ouvir os outros; procurar perceber o significado da mensagem; evitar interromper; e, perguntar, sempre que não entender o que está a ser dito.

Segundo Ana D'Além e Aliete Filipe (2001), os pais devem, ainda, encorajar as crianças para a prática da actividade desportiva; conhecer as regras e a técnica da actividade desportiva em causa; valorizar com o sucesso; observar o tipo de trabalho realizado; e, incentivar os comportamentos referidos pelo professor.

5. PROBLEMÁTICA, OBJECTO DE ESTUDO, E HIPÓTESES

A formação de recursos humanos no desporto, nomeadamente dos treinadores desportivos é encarada como um dos principais factores de desenvolvimento desportivo, assumindo um papel de relevo porque da qualidade do enquadramento técnico dependerá a qualidade da prática desportiva.

Torna-se por isso importante conhecer o perfil desses treinadores, como se caracteriza a actividade e a formação dos treinadores. Sabe-se, como nos diz Moniz Pereira (1987: 12), que “o treinador tem de ser uma pessoa que tenha capacidade de conseguir viver na incerteza do futuro (...) tem de ser aventureiro.” Sabe-se das dificuldades que representa ser treinador, que segundo Teotónio Lima (1982: 15) significa “mergulhar num torvelinho de marés contrárias e de correntes cruzadas”, numa sociedade em que impera o analfabetismo desportivo (Araújo, 1994).

Tendo em conta o que foi exposto anteriormente, pretendo realizar o presente trabalho com o propósito de saber *qual a representação do ideal de treinador de jovens* por parte dos jovens futebolistas, assim como dos seus pais, e qual a ideia que os próprios treinadores têm sobre o que os atletas pretendem deles, já que a figura do “treinador” desempenha um papel essencial nas diferentes etapas, e processos, de formação de um praticante desportivo.

Deste modo será mais fácil de entender quais os comportamento que são esperados da parte do treinador, sem esquecer que será sempre impossível de satisfazer todos os intervenientes, pois por vezes os seus interesses e motivações são diferentes, ou entram mesmo em conflito.

Assim, devemos ter a noção que “não existem um treinador ideal, muito menos um perfil único de treinador” (Araújo, 1998: 154), existem sim, ideais de treinadores, e através deste trabalho não pretendo encontrar o modelo do treinador perfeito, sendo que isso não existe. O que existe são ideias/expectativas que se têm acerca do comportamento dos treinadores, e estas variam consoante as motivações individuais e diferentes envolvimento. Por exemplo, não se espera o mesmo de um treinador de uma equipa profissional ou de um treinador de uma equipa de iniciados de uma pequena freguesia que iniciou este ano a prática desportiva.

Num estudo realizado por Marivoet (2001), acerca dos hábitos desportivos da população portuguesa, a autora refere que, na época desportiva de 1998/99, vinte e três em cada cem portugueses entre os 15 e os 74 anos praticavam desporto. E, ainda, que a modalidade mais praticada era o Futebol, representando 30% das modalidades representadas,

e 10% da modalidade em estudo. Na população mais jovem (15 a 19 anos), o futebol atinge os 35%, sendo que no género masculino, para este escalão etário, são 49% os que praticam esta modalidade.

Considerando então que o futebol é a modalidade mais praticada em geral, como nos jovens em particular, pareceu-nos assim importante escolher esta modalidade. Decorrente das contribuições que temos vindo a referir dos autores que abordaram o tema em análise, definimos então como objecto de estudo para esta investigação saber qual representação do ideal do perfil do treinador de jovens, pelos próprios treinadores de escalões jovens, bem como pelos jovens praticantes e seus pais.

No sentido de aprofundarmos o objecto acima referido, construímos hipóteses de trabalho. A primeira hipótese aponta para que o sucesso alcançado em competição constitui a principal expectativa dos jovens, bem como dos pais e das mães dos jovens, e dos próprios treinadores, sobretudo quando se avança nos escalões de competição, independentemente da idade e do género (H1). Por outro lado, sugerimos que nos escalões de competição mais jovens se encontram maiores expectativas em relação às competências educacionais do treinador, como seu atributo, sobretudo por parte dos treinadores e das famílias com níveis educacionais mais elevados, em especial, nos pais e nas mães ou outra figura feminina que viva com o atleta (H2). Por fim, considerámos como terceira hipótese o facto de nos escalões de competição iniciais existir maior discrepância entre as expectativas dos treinadores, dos jovens e seus familiares. Este facto tornar-se-ia ainda mais visível nos treinadores e pais com menores habilitações literárias, independentemente da idade (H3).

II – METODOLOGIA

Neste capítulo irá ser descrita a metodologia utilizada para a realização deste estudo. Serão definidas as variáveis e indicadores relativos a cada hipótese em estudo, as técnicas de recolha e tratamento de informação, mais especificamente o instrumento de medida empregado, os procedimentos metodológicos referentes à sua aplicação e à análise dos dados obtidos através do mesmo. Será também mencionado qual o universo de análise em estudo.

1. VARIÁVEIS E INDICADORES

Para verificarmos as hipóteses formuladas com vista ao aprofundamento do objecto de estudo definido, identificámos um conjunto de variáveis e indicadores que nos possibilitaram testar a validade das mesmas.

Quadro I – Agrupamento das dimensões, variáveis e indicadores

DIMENSÕES	VARIÁVEIS	INDICADORES
Nível da competição	Escalões	Infantis
		Iniciados
		Juvenis
		Juniões
Perfil dos treinadores	Formação académica	4.º ano
		6.º ano
		9.º ano
		12.º ano
		Curso superior } - C.D.E.F.
	Formação técnica	Sem formação específica
		Curso nível I
		Curso nível II
		Curso nível III
	Experiência	Ex-praticante
		Até 3 anos como treinador
		3 – 5 anos como treinador
	Cargo	> 5 anos como treinador
		Treinador principal
Idade	Treinador adjunto	
	< 21 anos	
	21 – 30 anos	
	31 – 40 anos	
	41 – 50 anos	
Requisitos dos treinadores (expectativas)	> 50 anos	
	Sucesso	
	Formação educacional e/ou académica	
	Formação técnica	
	Experiência	
Caracterização das famílias dos jovens	Habilitações literárias	<i>Ethos</i> (carácter)
		4.º ano
		6.º ano
		9.º ano
	Género	12.º ano
		Curso superior
	Idade	Masculino (M)
		Feminino (F)
	Até 30 anos	
	31 – 45 anos	
	Mais de 45 anos	

Estas variáveis foram agrupadas por dimensões, tais como: - o nível da competição onde jovens e treinadores estão inseridos; o perfil dos treinadores; os seus requisitos; e a caracterização das famílias dos jovens (v. Quadro I).

Decorrentemente, elaborámos três questionários, a partir da definição das variáveis e respectivos indicadores no Quadro I.

2. TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

2.1. Instrumentos de Medida

Para a realização do presente estudo foram elaborados três inquéritos por questionário, um destinado aos jovens atletas, outro para os seus pais, e o terceiro destinado aos treinadores.

O inquérito aos jovens atletas (v. Anexo 1) tem 4 questões que se dividem por 2 grupos. O inquérito por questionário determinado para os pais dos atletas (v. Anexo 2), onde respondiam ambos os pais, ou outros familiares ou tutores, abarca 6 questões divididas por 3 grupos. O questionário relativo aos treinadores (v. Anexo 3), contém 7 questões divididas por 3 grupos.

O primeiro grupo de todos os inquéritos sociográficos é referente ao nível da competição das equipas a que pertencem, no segundo grupo dos inquéritos para os jovens e para os seus pais são questionados os requisitos dos treinadores, enquanto nos treinadores é pedida a sua caracterização/perfil (formação académica, formação técnica, experiência no futebol, cargo na equipa e idade), e no terceiro grupo destes se questiona sobre os requisitos que os treinadores de jovens devem ter, enquanto aos pais se lhes pede a sua caracterização, onde são recolhidas informações sobre a idade e habilitações literárias.

Foi utilizado o inquérito por questionário por ser uma técnica quantitativa que permite medir comportamentos pré-definidos através de pequenas amostras extrapoláveis para a realidade. O inquérito possui quase exclusivamente questões fechadas. Apenas a questão referente às competências dos treinadores, em todos questionários, é semi-aberta, sendo que apenas uma resposta foi registada além das que opções que eram facultadas.

Antes de proceder à aplicação dos inquéritos por questionário foi realizado um pré teste com 10 jovens de idades semelhantes às da população alvo, bem como a 10 adultos. Deste modo foi possível averiguar a compreensão e eventuais incorrecções nos inquéritos.

2.2. Procedimentos Metodológicos Relativos à Aplicação do Inquérito

Uma das questões iniciais à realização do presente estudo prendeu-se com a escolha da população alvo. A nossa opção recaiu no clube mais representativo da cidade e também com mais tradições na região: - a Associação Académica de Coimbra.

Seguidamente, contactámos o vice-presidente responsável pela área da formação, Eng. Luís Neves, e o coordenador do futebol de formação, Mestre António José Figueiredo, os quais me deram a necessária autorização, e forneceram os dias, locais de treinos e contactos dos treinadores. Após isto entrámos em contacto com os respectivos treinadores, que demonstraram total abertura e disposição de ajudar.

Após o pré-teste, e depois de combinar as datas mais propícias com os treinadores, de modo a causar o mínimo de alteração nas suas rotinas de treino, desloquei-me aos treinos dos diversos escalões e apliquei os respectivos inquéritos por questionário, seguindo determinados parâmetros, nomeadamente a referência ao objectivo de estudo e a instituição onde decorreu, assim como a sua confidencialidade e o modo como este deveria ser preenchido. De referir que dada a impossibilidade da presença dos pais era entregue um envelope que continha o inquérito sociográfico para cada jovem e também o dos seus pais. Sendo que voltaria mais tarde para proceder à recolha dos mesmos. Este processo foi muito moroso, sobretudo nos escalões etários mais baixos.

2.3. Análise e Tratamento dos Dados

Com vista ao teste das hipóteses foram construídos quadros de apuramento (v. Anexo 4), de modo a relacionar a informação recolhida com a aplicação dos inquéritos sociográficos.

Após essa fase, a informação obtida foi tratada em computador com a ajuda do programa informático de estatística SPSS 10.0 for Windows, criando desta forma uma base de dados com as respostas às questões colocadas no inquérito sociográfico.

Com vista à análise da informação recolhida foram criados gráficos e quadros que nos permitiram a leitura dos resultados conforme apresentaremos no Capítulo III.

No que concerne ao tratamento estatístico da informação recolhida, utilizámos a estatística descritiva.

3. UNIVERSO DE ANÁLISE

3.1. Associação Académica de Coimbra – O.A.F.

A Associação Académica de Coimbra – Organismo Autónomo de Futebol (AAC-OAF), conhecida habitualmente como "Académica" ou "Briosa" entre os adeptos, é o clube de futebol mais famoso da cidade de Coimbra. Foi durante muito tempo a secção de futebol da Associação Académica de Coimbra (AAC), a associação de estudantes da universidade local, o que valeu o epíteto ainda hoje comum de "equipa dos estudantes". A partir da época da revolução dos Cravos, a Académica foi-se gradualmente profissionalizando, sendo hoje na prática um clube independente em relação à sua casa-mãe, que de resto mantém separadamente uma secção amadora de futebol.

Foi fundada em 1887, resultando da fusão entre o Clube Atlético de Coimbra, fundado em 1861, e a Academia Dramática, fundada em 1837. É um dos clubes com mais adeptos em Portugal, gabando-se muitos deles de neste aspecto ficar atrás apenas dos "três grandes" Benfica, Porto e Sporting.

Vista no seu todo, a Académica é o clube português onde é possível praticar o maior número de diferentes modalidades desportivas, organizadas e geridas por estudantes, que o fazem por puro amadorismo e carolice, tornando este clube, com mais de cinco mil praticantes numa instituição de carácter único em Portugal e raro no mundo.

O equipamento normal da Académica é integralmente negro, numa alusão evidente aos trajes académicos dos estudantes da universidade.

A equipa utiliza há algumas décadas para jogos oficiais o Estádio Cidade de Coimbra, estádio municipal reconstruído para o Euro 2004, com 30 000 lugares sentados.

Em termos de títulos, destaca-se a vitória na primeira edição da Taça de Portugal, no ano de 1939.

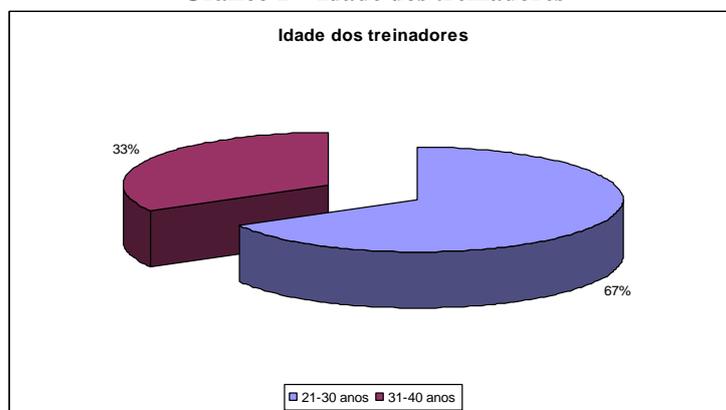
3.2. Definição e Caracterização da Amostra

Para a realização deste estudo utilizámos como amostra os atletas das equipas dos escalões jovens da Associação Académica de Coimbra (infantis, iniciados, juvenis e juniores), bem como respectivos pais ou responsáveis por eles, e, ainda, os treinadores dessas equipas.

O universo de análise é constituído por 167 jovens (27 juniores, 27 juvenis, 53 iniciados, 56 infantis), sendo igual o número de pais e mães. Treinadores são 12. Assim sendo, seleccionámos um total de 155 jovens (25 juniores, 25 juvenis, 53 iniciados, 56 infantis), sendo que em todos os escalões estão representados cerca de 93% do seu universo. Nos treinadores foi utilizada a totalidade do universo de estudo (12). Relativamente aos pais foram recebidos menos inquéritos, explicando-se este facto por falecimento de alguns, separações, e em alguns casos foi respondido pelo tutor. Assim foram respondidos correctamente pelos pais 299 inquéritos por questionário, sendo que destes eram 150 da parte dos pais (25 juniores, 25 juvenis, 46 iniciados, 54 infantis) e 149 das mães (25 juniores, 25 juvenis, 47 iniciados, 52 infantis). Dos pais cerca de 61% tem idades compreendidas entre os 31 e 45 anos, e os restantes 39% tem mais de 45 anos. Nas mães temos 2% com idades até 30 anos, 74% entre os 31 e 45 anos, e 24% com idade superior a 45 anos.

No que diz respeito às habilitações literárias dos pais dos jovens da nossa amostra, a maioria tem apenas a escolaridade obrigatória ou inferior (50%), 26% possuem o ensino secundário, e 24% possui curso superior.

Gráfico 1 – Idade dos treinadores



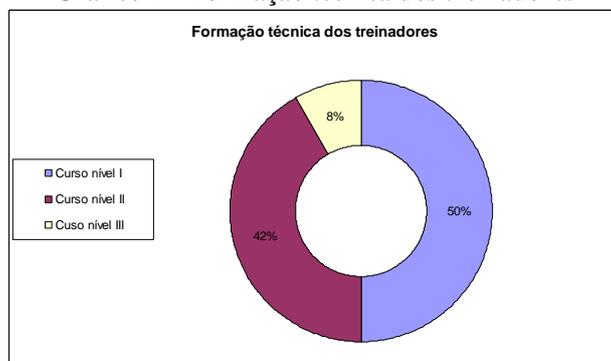
Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Quanto aos treinadores, como foi dito anteriormente foram inquiridos 12, sendo 3 das equipas dos infantis, 4 dos iniciados, 3 dos juvenis, e 2 dos juniores. Cerca de 67% têm idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos, e os restantes 33% têm entre 31 e 40 anos, conforme se pode ver no Gráfico 1.

Apenas um treinador (8%) não possui curso superior, possuindo o ensino secundário. Os restantes 92% possui curso superior, sendo que destes 75% é formado na área de Desporto e Educação Física, e 17% noutras áreas.

No que concerne à formação técnica, 50% possui curso de treinador de futebol – nível I, 42% o curso de treinador de futebol – nível II. Apenas 8% obtiveram já o nível III de treinador de futebol (v. Gráfico 2).

Gráfico 2 – Formação técnica dos treinadores



Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Quanto à experiência no futebol, podemos observar no quadro I que a maioria (58%) conta já entre 3 a 5 anos de experiência como treinador de futebol, 8% tem apenas experiência como ex-praticante da modalidade, 17% tem mais de 5 anos de experiência como treinador de futebol, e outros 17% apenas contam até 3 anos de experiência nesta vertente.

Quadro II – Experiência anterior dos treinadores no meio futebolístico

	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores	Total
Ex-praticante		25			8
Até 3 anos como treinador		25		50	17
3 a 5 anos como treinador	100	25	100	50	58
Mais de 5 anos como treinador		25			17
Total	100	100	100	100	100
	N=3	N=4	N=3	N=2	N=12

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como referimos antes, pretendemos saber qual a representação do ideal de treinador de jovens.

Com base na análise da literatura discutida no Capítulo I, e tentando dar resposta à nossa pergunta de partida, definimos como objecto de estudo saber qual representação do ideal do perfil do treinador de jovens, pelos próprios treinadores de escalões jovens, bem como pelos jovens praticantes e seus pais segundo as diferenças socioculturais.

Para aprofundarmos o objecto de estudo construímos um conjunto de hipóteses de investigação, e conseqüentemente a metodologia de análise, como vimos no Capítulo II.

Partindo das variáveis e indicadores, elaborámos os inquéritos para os jovens atletas, para os pais dos atletas, e para os treinadores, que foram aplicados aos jovens, pais, e treinadores dos escalões de formação de futebol, da Associação Académica de Coimbra.

Neste capítulo irão ser analisados e discutidos os resultados obtidos através desses instrumentos de recolha de informação, com vista a testarmos as nossas hipóteses.

Assim, este capítulo encontra-se dividido em dois grandes pontos, o primeiro onde analisamos as competências esperadas para um bom treinador de jovens segundo os jovens futebolistas e seus pais, e a auto-representação dos treinadores, enquanto o segundo se dirige ao desenvolvimento das expectativas quanto às competências educacionais dos treinadores de jovens segundo os seus pais, e a auto-representação dos treinadores relativamente a esta matéria.

1. COMPETÊNCIAS ESPERADAS PARA UM BOM TREINADOR DE JOVENS

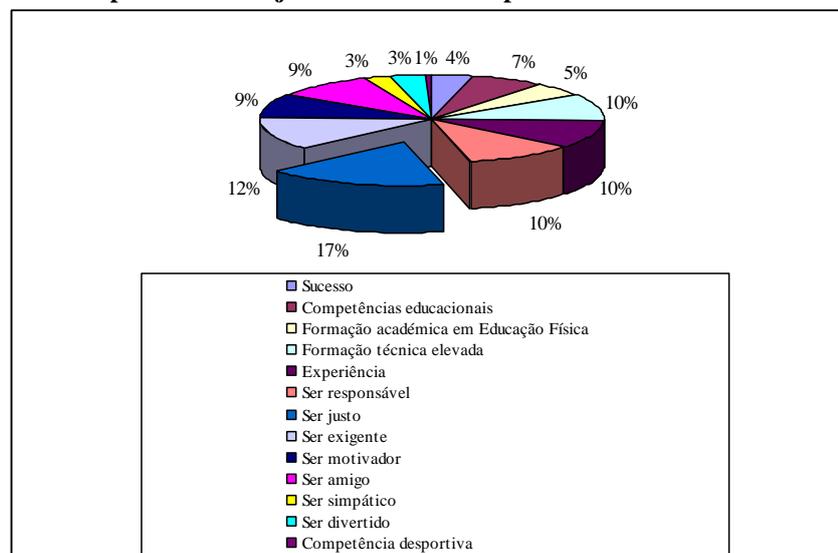
Com a nossa primeira hipótese pretendíamos verificar se o ‘sucesso’ seria a principal competência dos treinadores de jovens esperada quer pelos praticantes, e pais, quer pelos próprios treinadores, em especial quando se tratasse de escalões de formação mais adiantados (juvenis e juniores). A hipótese indicava ainda que esta realidade ocorreria independentemente da idade dos pais e treinadores, bem como do facto de se tratar dos pais ou das mães. Considerou-se ainda como hipótese de estudo, que existiriam maiores discrepâncias nas escolhas efectuadas pelos jovens, seus pais e treinadores dos escalões de competição iniciais, tornando-se isso mais notório nos pais e treinadores com menores habilitações literárias.

1.1. O ideal de treinador segundo os futebolistas

Como se pode verificar no gráfico 3 e 4, no ponto de vista dos jovens esta hipótese não se verifica. Tanto nas respostas como primeira opção como no conjunto das três opções a competência mais escolhida foi ‘ser justo’, com 17% como primeira opção (v. gráfico 3) e 16% no conjunto de todas as opções (v. gráfico 4).

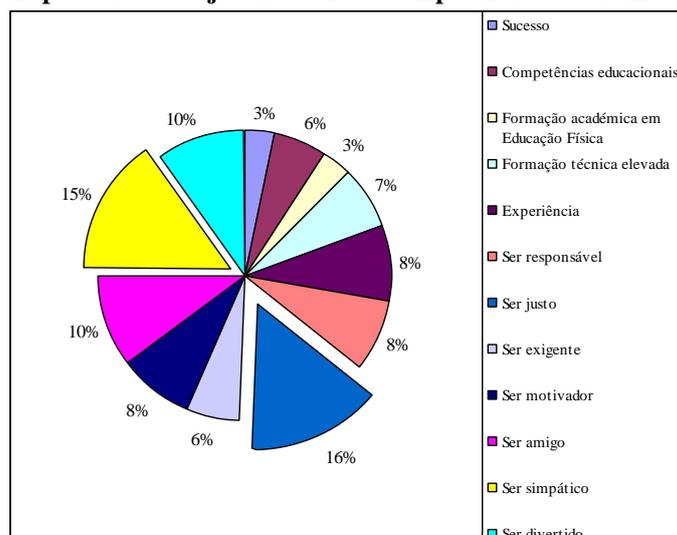
Podemos também constatar que apesar de haverem escolhas em todas as opções dadas nos questionários, existindo alguma discrepância nas escolhas.

Gráfico 3 – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos jovens atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

No conjunto das opções por parte de todos os escalões (v. Gráfico 4), 16% dos jovens esperam que os seus treinadores sejam justos e 15% preferem o ‘ser simpático’, o que mais uma vez contraria a hipótese de trabalho que sugeria ser o ‘sucesso’ a componente a que seria dada mais importância.

Gráfico 4 – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores – Totais

Fonte: Inquérito aos jovens atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Observando o quadro III, podemos constatar que nos escalões mais adiantados o ‘sucesso’ nem é referido como primeira opção para por nenhum dos juniores ou juvenis. Para os juniores a ‘exigência’ do treinador foi a mais escolhida (44%), sendo que nos juvenis as escolhas foram um pouco mais dispersas, mas as características mais assinaladas foram a ‘formação técnica elevada’ e o facto do treinador dever ‘ser justo’, com 20% das opções seleccionadas.

Quadro III – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão de formação – 1.ª opção

	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Sucesso	7	4	-	-
Competências educacionais	13	6	-	4
Formação académica em Educação Física	-	8	4	8
Formação técnica elevada	9	12	20	-
Experiência	7	8	16	16
Ser responsável	4	12	16	16
Ser justo	29	8	20	4
Ser exigente	-	14	4	44
Ser motivador	9	12	12	0
Ser amigo	11	10	8	4
Ser simpático	5	2	-	-
Ser divertido	7	2	-	-
Competência desportiva	-	-	-	4
Total	100 N=56	100 N=49	100 N=25	100 N=25

Fonte: Inquérito aos jovens atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Relativamente aos escalões mais jovens, nos infantis a principal competência mais referida foi ‘ser justo’ (29%), e nos iniciados foi ‘ser exigente’ com 14%. É então visível que as escolhas não são muito diferentes de escalão para escalão.

Relativamente ao conjunto das três opções (v. Quadro IV), também não se verificou a hipótese de trabalho. O ‘sucesso’ foi das características menos escolhidas em todos os escalões. Verificou-se que as características do *ethos* (carácter) do treinador são as mais escolhidas pelos jovens. Nos infantis é o ‘ser justo’ (18%) que os jogadores mais esperam dos seus treinadores, e a ‘simpatia’ é o aspecto mais escolhido pelos iniciados (20%). Nos juvenis é também a ‘justiça’ dos treinadores a competência mais referida, conjuntamente com o facto destes esperarem que o treinador seja seu ‘amigo’. Ambas as opções colheram 20% das respostas. Para os menos jovens, os juniores, além de esperarem ‘simpatia’ da parte dos treinadores, querem ainda que estes sejam ‘exigentes’ (19%).

Quadro IV – Expectativas dos jovens sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão de formação – Totais

	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Sucesso	4	1	5	4
Competências educacionais	10	3	4	5
Formação académica em Educação Física	3	5	1	3
Formação técnica elevada	6	8	11	3
Experiência	7	7	9	12
Ser responsável	7	11	8	5
Ser justo	18	12	20	7
Ser exigente	2	7	1	19
Ser motivador	8	10	8	7
Ser amigo	10	7	20	9
Ser simpático	13	20	9	19
Ser divertido	14	10	3	7
Competência desportiva	-	-	-	1
Total	100 N=168	100 N=147	100 N=75	100 N=75

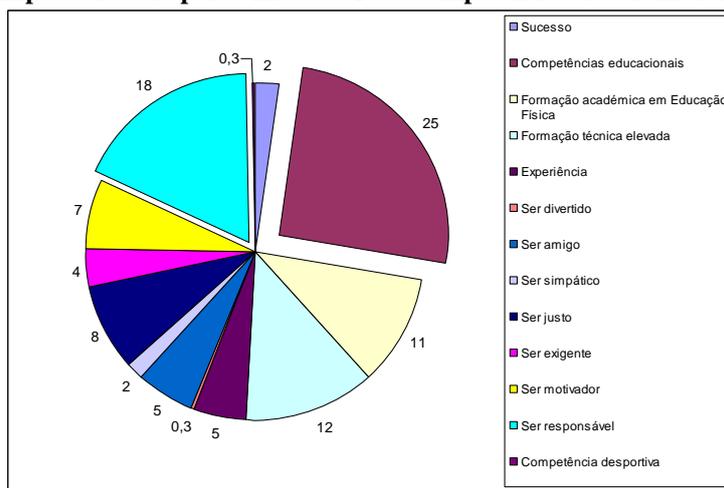
Fonte: Inquérito aos jovens atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

1.2. Ideal de treinador segundo os pais dos jogadores

A hipótese que testamos indicava que os pais dos jovens pretendiam que o treinador dos seus filhos fosse um treinador que tivesse como principal competência o ‘sucesso’ desportivo. Nos gráficos seguintes podemos ver que isto não se verificou, tendo esta competência uma baixa relevância como primeira opção de pais e mães (2%), sendo as ‘competências educacionais’ as mais destacadas por estes (25%), seguida por ‘ser responsável’ (18%).

Como começámos por referir, considerámos que existiriam discrepâncias nas escolhas, sendo que analisando estes gráficos vemos que apesar de haver escolhas para todas as competências dadas no questionário a maioria das escolhas recai na formação do treinador (‘competências educacionais’, ‘formação técnica’ e ‘formação académica’) e ‘responsabilidade’ deste (v. Gráfico 5).

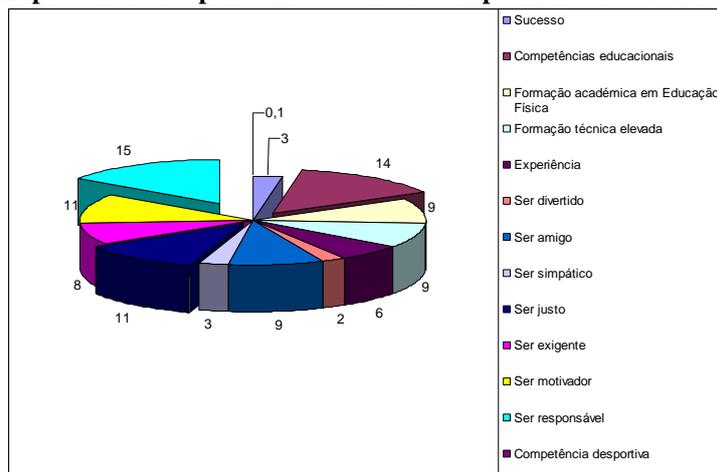
Gráfico 5 – Expectativas de pais e mães sobre as competências dos treinadores – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Analisando o gráfico 6, onde está reflectido o conjunto de todas as opções feitas por pais e mães dos jovens, observamos que a discrepância aumenta, havendo menor diferença de valores entre competências. Ainda assim, são as ‘competências educacionais’ (14%) e o ‘ser responsável’ que continuam no topo das preferências, ao contrário do alvitrado na hipótese de trabalho.

Gráfico 6 – Expectativas dos pais e mães sobre as competências dos treinadores – Totais

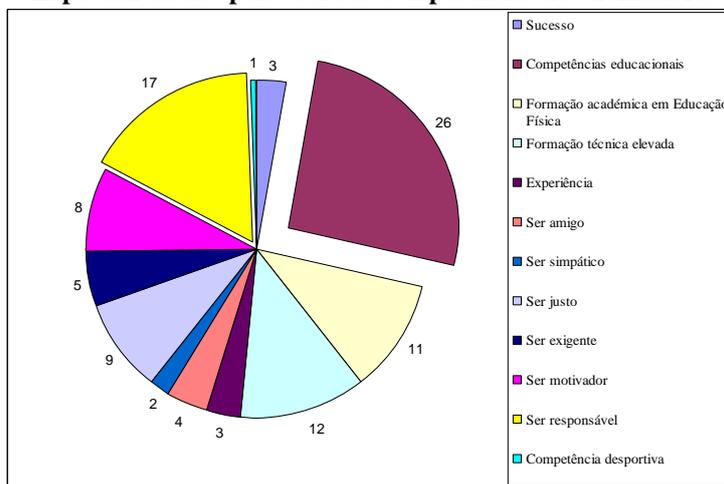


Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Opinião dos pais ou figura masculina correspondente

Analisando apenas na perspectiva dos pais, ou figura masculina correspondente, os resultados continuam a ir contra a hipótese que indicava ser o ‘sucesso’ a componente mais escolhida, sendo as ‘competências educacionais’ (26%) as consideradas mais importantes, seguidas por ‘ser responsável’.

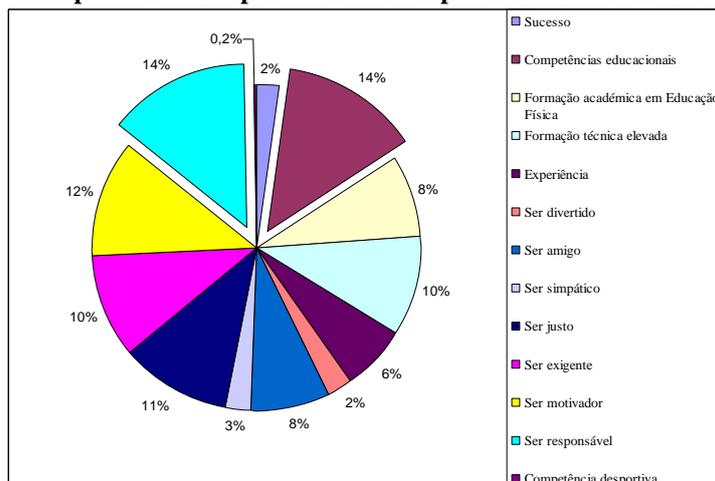
Gráfico 7 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

No conjunto das três opções feitas pelos pais dos futebolistas, o ‘sucesso’ continua sem expressão nas escolhas (2%), sendo que a discrepância nas escolhas aumenta, apesar de continuar o ‘ser responsável’ e as ‘competências educacionais’ como as mais escolhidas (14%).

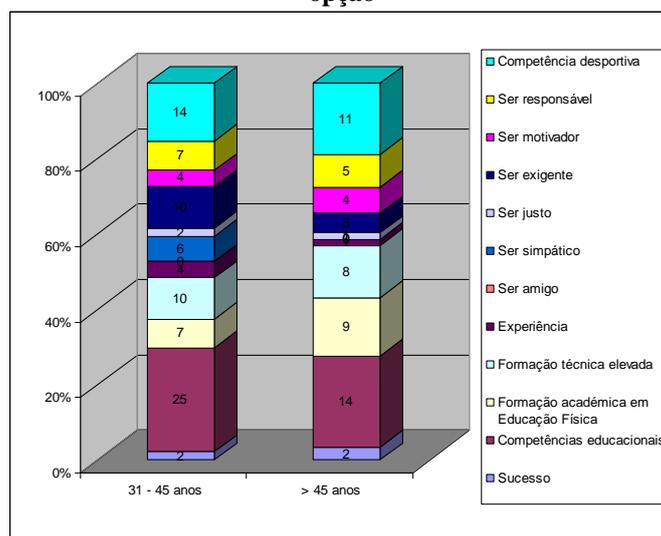
Gráfico 8 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores – Totais



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

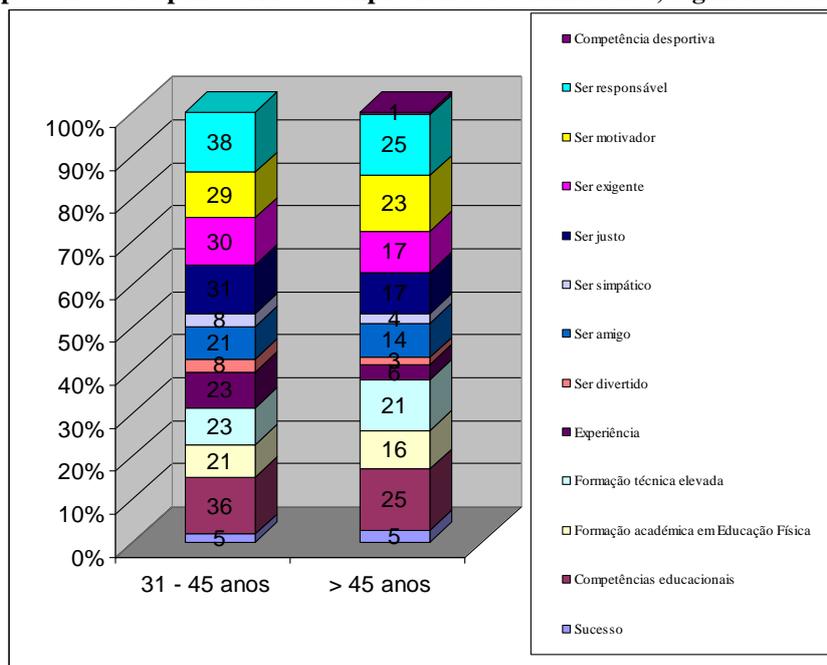
Analisando as expectativas dos pais, segundo as suas idades, verificamos que não se encontram diferenças entre as opções dos mais novos e mais idosos. O sucesso é muito pouco referido, quer como primeira opção (v. gráfico 9) quer no conjunto das três opções (v. gráfico 10). Mais uma vez se verifica a predominância da importância dada às ‘competências educacionais’ e ao ‘ser responsável’.

Gráfico 9 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Comparando o gráfico 9 e 10, o que se verifica é que as ‘competências educacionais’ são mais escolhidas como primeira opção, mas no conjunto de todas as opções o ‘ser responsável’ aparece com a mesma relevância.

Gráfico 10 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – Totais

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Relativamente às escolhas dos pais segundo o escalão dos seus filhos, também não se verifica que os pais dos juniores e juvenis considerem que o ‘sucesso’ seja a competência mais importante dos treinadores, conforme sugeria a hipótese de trabalho. Assim, como podemos observar no Quadro V, a maioria dos pais considera que os treinadores devem ter ‘competências educacionais’. Este facto toma maiores proporções nos escalões mais jovens, quer para os pais que têm entre 31 e 45 anos, onde 41% dos pais dos infantis e 28% dos pais dos iniciados, referem as ‘competências educacionais’ como a principal competência para os treinadores dos seus filhos. Nos pais que têm mais de 45 anos 39% dos pais de infantis têm a mesma opinião.

De resto, apenas nos juvenis os pais com mais de 45 anos não escolheram preferencialmente as ‘competências educacionais’. Para estes a responsabilidade dos treinadores é a competência fundamental que os treinadores devem ter (44%). Esta também é das mais escolhidas para os pais de juvenis com idades compreendidas entre os 31 e 45 anos (25%). Nos pais dos juniores com mais de 45 anos as escolhas foram mais repartidas. Juntamente com as ‘competências educacionais’, a ‘formação académica em Educação Física’, a ‘formação técnica elevada’, e o ‘ser exigente’ obtiveram respectivamente 18% das escolhas.

Quadro V – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (pais) – 1.ª opção

	31 - 45 anos				> 45 anos			
	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Sucesso	3	-	-	7	-	5	11	-
Competências educacionais	31	28	25	21	39	19	11	18
Formação académica em Educação Física	11	12	-	-	11	19	11	18
Formação técnica elevada	11	12	13	7	11	14	11	18
Experiência	3	4	6	7	6	-	-	-
Ser amigo	6	8	6	7	-	-	-	-
Ser simpático	0	8	-	-	-	5	-	-
Ser justo	8	12	13	14	11	5	-	-
Ser exigente	3	-	6	14	-	5	11	18
Ser motivador	11	4	6	7	-	19	-	9
Ser responsável	14	12	25	14	22	10	44	9
Competência desportiva	-	-	-	-	-	-	-	9
Total	100 N=36	100 N=25	100 N=16	100 N=14	100 N=18	100 N=21	100 N=9	100 N=11

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No Quadro VI, encontramos conjunto das opções dos pais. Mais uma vez não se confirmou a hipótese sugerida, dado o ‘sucesso’ ser das competências menos referidas pelos pais. No escalão etário dos 31 aos 45 anos a exigência é a mais votada pelos pais dos juvenis (19%), e pelos dos juniores (24%). Os pais dos iniciados entendem que é mais importante que os treinadores dos seus filhos tenham competências educacionais (19%), enquanto a maioria (16%) dos pais dos mais jovens, de entre a soma de todas as suas opções, pensam que os treinadores devem ser responsáveis. Esta opção é também a mais escolhida (14%) pela totalidade dos pais com idades entre 31 a 45 anos, com as competências educacionais logo a seguir (13%). Nos pais mais velhos (com mais de 45 anos) as escolhas foram semelhantes, ainda que um pouco mais dispersas. Assim para estes, as competências educacionais foram as mais referidas pelos pais dos mais jovens (20%).

Os pais dos iniciados tiveram a maioria das suas opções a caírem sobre a responsabilidade (21%), assim como os pais dos juvenis (22%), ainda que estes se dividissem também com 22% para a formação técnica elevada por parte do treinador. Nos pais dos juniores o carácter do treinador foi escolhido por 45% das escolhas, repartido de igual modo (15%) pela justiça, exigência e motivação aos jogadores, que os pais entendem que os treinadores devem ter.

Além disso, outros 15% entendem, à imagem dos pais dos juvenis com estas idades, que os treinadores de jovens devem ter uma formação técnica elevada. No total dos pais com idade superior a 45 anos, a maioria das escolhas dói sobre as competências educacionais, e a responsabilidade (14%).

Quadro VI – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (pais) – Totais

	31 - 45 anos				> 45 anos			
	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Sucesso	1	-	4	5	-	3	7	3
Competências educacionais	14	19	8	7	20	14	11	6
Formação académica em Educação Física	9	11	4	2	6	14	4	9
Formação técnica elevada	8	8	10	7	11	6	22	15
Experiência	8	7	8	12	4	-	4	9
Ser divertido	4	5	-	-	4	2	-	-
Ser amigo	7	9	6	7	11	11	4	-
Ser simpático	4	4	-	2	4	3	-	-
Ser justo	11	11	13	12	9	8	7	15
Ser exigente	6	7	19	24	9	6	11	15
Ser motivador	12	7	13	12	6	21	7	15
Ser responsável	16	13	15	10	17	11	22	9
Competência desportiva	-	-	-	-	-	-	-	3
Total	100 N=108	100 N=75	100 N=48	100 N=42	100 N=54	100 N=63	100 N=27	100 N=33

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Os mesmos dados referidos anteriormente são confirmados pela leitura do Quadro VII. As ‘competências educacionais’ são as mais referidas pelos pais dos jovens de todos os escalões, com excepção dos juvenis, onde ainda assim foi a segunda mais escolhida (20%), sendo que a maioria considerou a ‘responsabilidade’ (32%) como a competência mais importante. Também neste quadro se confirma a tendência de as ‘competências educacionais’ serem consideradas mais importantes para os pais dos mais jovens, com 33% de escolhas para os pais dos infantis, 24% para os pais dos iniciados e 20% para os pais dos juniores. No total dos pais a maioria das escolhas foi também para as competências educacionais, como primeira opção (26%).

Quadro VII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos filhos (pais) – 1.^a opção

	Total pais de infantis	Total pais de iniciados	Total pais de juvenis	Total pais de juniores
Sucesso	2	2	4	4
Competências educacionais	33	24	20	20
Formação académica em Educação Física	11	15	4	8
Formação técnica elevada	11	13	12	12
Experiência	4	2	4	4
Ser amigo	4	4	4	4
Ser simpático	-	7	-	-
Ser justo	9	9	8	8
Ser exigente	2	2	8	16
Ser motivador	7	11	4	8
Ser responsável	17	11	32	12
Competência desportiva	-	-	-	4
Total	100 N=54	100 N=46	100 N=25	100 N=25

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Através da análise do Quadro VIII, é possível verificar uma tendência, que vai contra a hipótese sugerida, para os pais dos mais jovens (infantis e juvenis) esperarem que os treinadores de jovens tenham ‘competências educacionais’, sendo que nos pais de juvenis e juniores a orientação vai para características do *ethos*. Os pais dos juniores têm 20% das escolhas totais sobre a ‘responsabilidade’ do treinador, e 17% dos pais dos juvenis refere a ‘exigência’ sobre as jovens. No total dos pais a maioria é dividida pelas ‘competências educacionais’ e a ‘responsabilidade’, ambas com 14%.

Quadro VIII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos seus filhos (pais) – Totais

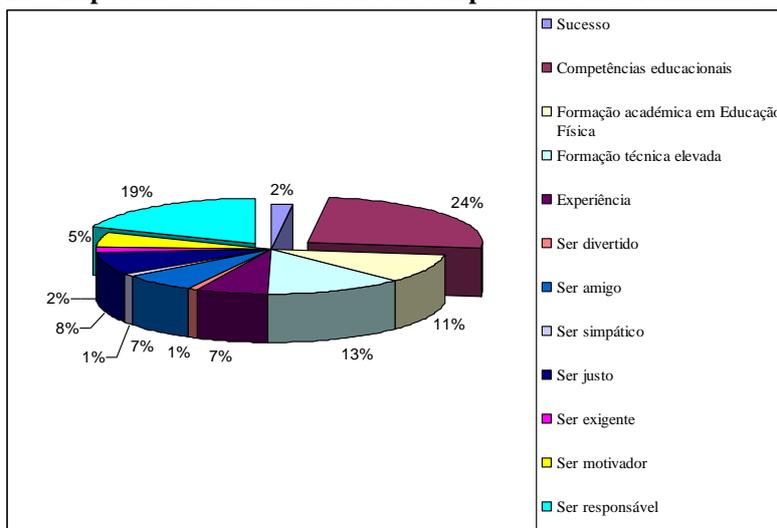
	Total pais de infantis	Total pais de iniciados	Total pais de juvenis	Total pais de juniores
Sucesso	1	1	5	4
Competências educacionais	16	17	9	7
Formação académica em Educação Física	8	12	4	5
Formação técnica elevada	9	7	15	11
Experiência	7	4	7	11
Ser divertido	4	4	-	-
Ser amigo	9	10	5	4
Ser simpático	4	4	0	1
Ser justo	10	9	11	13
Ser exigente	7	7	16	20
Ser motivador	10	13	11	13
Ser responsável	16	12	17	9
Competência desportiva	-	-	-	1
Total	100 N=162	100 N=138	100 N=75	100 N=75

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Opinião das mães ou figura feminina correspondente

Para as mães, ou outra figura feminina correspondente, era sugerido o mesmo pela hipótese referida atrás, ou seja, que o ‘sucesso’ seria a sua principal expectativa sobre o perfil do treinador de jovens. Mas também para as mães, conforme se pode observar analisando os gráficos 11 e 12, isso não se verificou. O ‘sucesso’ teve uma escolha escassa pelas mães, quer como primeira opção (2%), quer no conjunto das três opções do questionário (3%). Como para os pais, as ‘competências educacionais’ (24%) e o ‘ser responsável’ (19%) assumem a principal expectativa, como primeira opção (v. Gráfico 11).

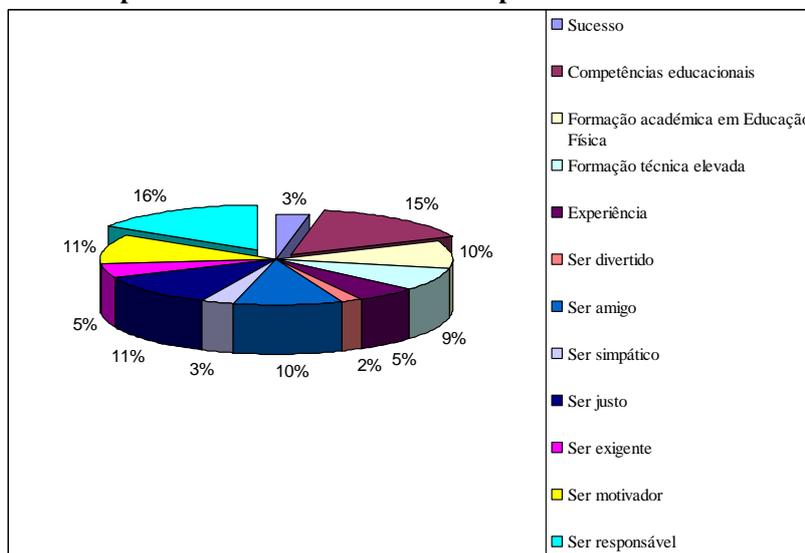
Gráfico 11 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No conjunto de todas as opções é notório o aumento na discrepância das escolhas, conforme era sugerido por uma hipótese. Também se verifica, como para os pais, que o ‘ser responsável’ (16%) sobe nas escolhas, relativamente às ‘competências educacionais’ (15%), continuando as duas a serem as mais referidas pelas mães (v. Gráfico 12).

Gráfico 12 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores – Totais

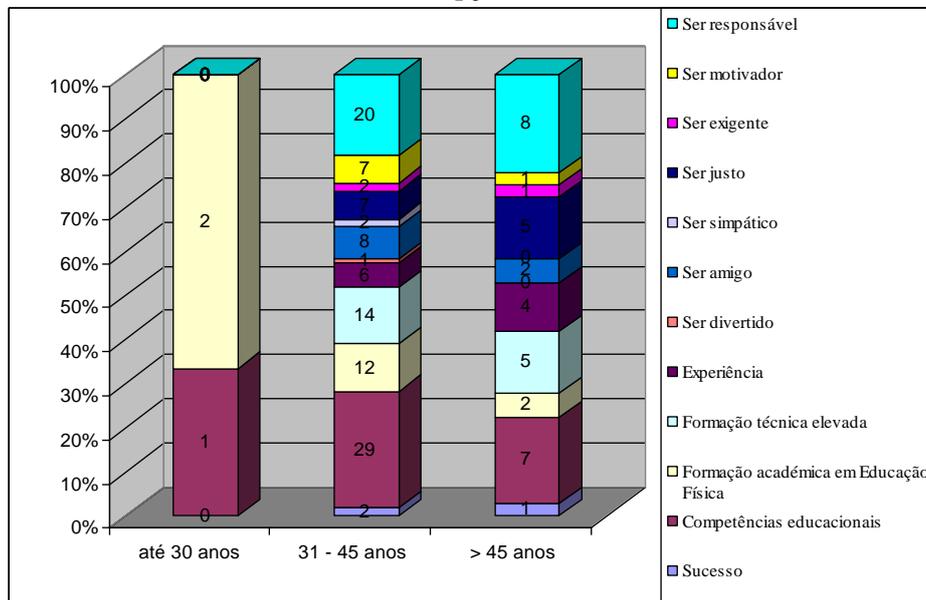


Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Analisando as escolhas segundo a idade das mães, verifica-se que não existe muita diferença nas escolhas, sendo as ‘competências educacionais’ as mais escolhidas, a par do ‘ser responsável’. De referir que nas mães com idade inferior a 30 anos (apenas 3) as primeiras

opções recaíram maioritariamente na formação académica em Educação Física, sendo que nesta opção estão também subjacentes as competências educacionais.

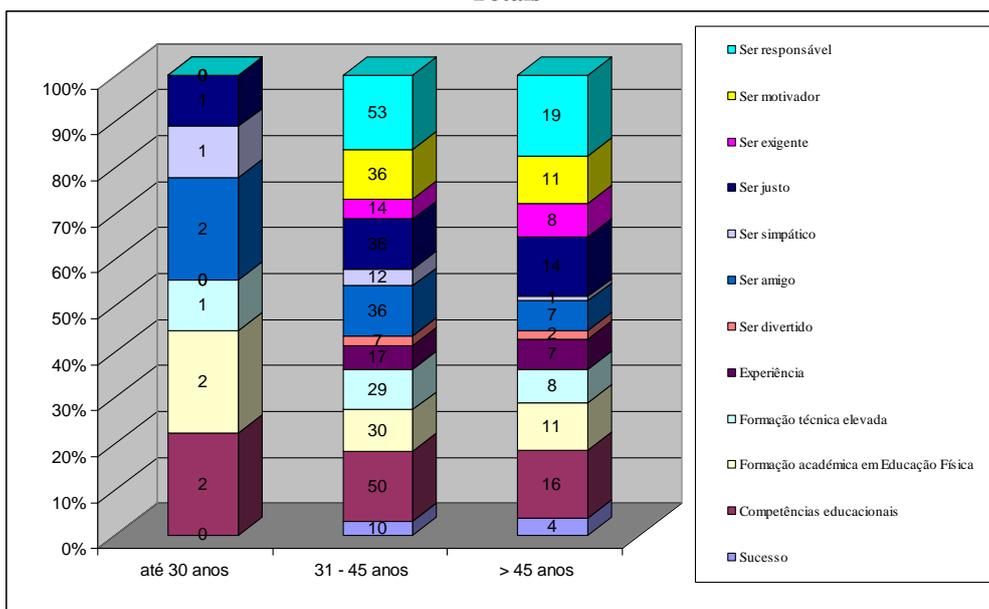
Gráfico 13 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

No gráfico 14 está o conjunto das opções das mães segundo a sua idade. Os resultados anteriores são confirmados, contrariando a hipótese que sugeria ser o ‘sucesso’ a competência mais referida, e confirmando o aumento da discrepância nos resultados.

Gráfico 14 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas idades – Totais



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Assim, ‘ser responsável’ e as ‘competências educacionais’ são para as mães as competências mais esperadas por parte dos treinadores dos seus filhos. Apenas as mães mais jovens não referem o ‘ser responsável’ em nenhuma das opções, ainda que no total das mães esta seja a competência mais referida (cf. Gráfico 12).

Relativamente às mães (v. quadro IX), as escolhas não são muito diferentes dos pais. Para as mães mais jovens, a ‘formação académica em Educação Física’ obtém 67% das respostas como primeira opção, sendo que a restante escolha caiu sobre as ‘competências educacionais’. Para idades entre 31 e 45 anos, a maioria (26%) entende que os treinadores devem ter boas ‘competências educacionais’. Apenas para as mães dos juvenis não escolhem maioritariamente as ‘competências educacionais’ (16%), preferindo a ‘responsabilidade’ (26%) e ‘formação técnica elevada’ (21%). Nas mães de juniores a opinião é dividida entre as ‘competências educacionais’ e a ‘responsabilidade’, ambas com 22% das escolhas.

Quadro IX – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (mães) – 1.ª opção

	até 30 anos	31 - 45 anos				> 45 anos			
	Inf.	Inf.	Inic.	Juv.	Jun.	Inf.	Inic.	Juv.	Jun.
Sucesso	-	-	3	-	6	-	7	-	-
Competências educacionais	33	37	22	16	22	13	20	17	29
Formação académica em Educação Física	67	10	13	11	11	13	7	-	-
Formação técnica elevada	-	12	9	21	11	-	13	17	29
Experiência	-	7	6	5	-	25	-	17	14
Ser divertido	-	-	-	5	-	-	-	-	-
Ser amigo	-	5	9	5	11	13	7	-	-
Ser simpático	-	5	-	-	0	-	-	-	-
Ser justo	-	5	9	5	6	13	13	17	14
Ser exigente	-	-	6	-	-	-	7	-	-
Ser motivador	-	2	9	5	11	-	7	-	-
Ser responsável	-	17	13	26	22	25	20	33	14
Total	100 N=3	100 N=41	100 N=32	100 N=19	100 N=18	100 N=8	100 N=15	100 N=6	100 N=7

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Semelhantes resultados são visíveis para as mães com mais de 45 anos, onde apenas surgem novas escolhas maioritárias por parte das mães dos infantis, onde 25% refere a ‘experiência’, ainda que com o mesmo peso da ‘responsabilidade’, e nas mães dos juniores, a par das ‘competências educacionais’, estas entendem como importante que os treinadores tenham

uma ‘formação técnica elevada’ (29%). No total das mães com estas idades a maioria espera, essencialmente que os treinadores de jovens sejam responsáveis (22%), e que tenham competências educacionais (19%).

O Quadro IX demonstra ainda que nas mães a discrepância entre as escolhas é maior do que nos pais.

Relativamente ao total das opções feitas pelas mães, apesar de se manter a tendência das escolhas sobre as ‘competências educacionais’ e a ‘responsabilidade’, há maior discrepância nas opções e aparecem outras opções com alguma importância, mas sempre contrariando a hipótese que sugeria ser o ‘sucesso’ o mais importante. Como observamos no Quadro X, para as mães mais jovens é também importante que os treinadores sejam ‘amigos’ dos jovens (22%). As mães de juniores com mais de 45 anos consideram, na sua maioria (19%), que a ‘formação técnica elevada’ é uma competência muito importante para os treinadores de jovens. Ainda assim, quer no total de mães com mais de 45 anos, como nas com idades entre 31 e 45 anos, a ‘responsabilidade’ é a competência mais referida, seguida de perto das ‘competências educacionais’ (cf. Gráfico 14).

Quadro X – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e o escalão dos seus filhos (mães) – Totais

	até 30 anos	31 - 45 anos				> 45 anos			
	Inf.	Inf.	Inic.	Juv.	Jun.	Inf.	Inic.	Juv.	Jun.
Sucesso	-	2	3	4	6	-	4	6	5
Competências educacionais	22	20	16	11	9	8	20	11	14
Formação académica em Educação Física	22	9	9	7	11	13	13	6	5
Formação técnica elevada	11	7	8	12	9	-	7	6	19
Experiência	-	5	6	5	4	13	-	11	10
Ser divertido	-	2	2	2	2	4	2	-	-
Ser amigo	22	11	10	12	9	8	9	6	-
Ser simpático	11	3	5	-	6	4	-	-	-
Ser justo	11	8	13	16	9	13	13	11	14
Ser exigente	-	3	5	4	6	8	7	6	10
Ser motivador	-	12	10	11	9	4	11	17	10
Ser responsável	-	17	11	18	20	25	13	22	14
Total	100 N=9	100 N=123	100 N=96	100 N=57	100 N=54	100 N=24	100 N=45	100 N=18	100 N=21

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Por escalão onde jogam os seus filhos, os resultados demonstram o mesmo. As primeiras opções das mães incidem essencialmente sobre as ‘competências educacionais’ e a ‘responsabilidade’ (v. quadro XI).

Quadro XI – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos filhos (mães) – 1.^a opção

	Total pais de infantis	Total pais de iniciados	Total pais de juvenis	Total pais de juniores
Sucesso	-	4	-	4
Competências educacionais	33	21	16	24
Formação académica em Educação Física	13	11	8	8
Formação técnica elevada	10	11	20	16
Experiência	10	4	8	4
Ser divertido	-	-	4	-
Ser amigo	6	9	4	8
Ser simpático	4	0	-	-
Ser justo	6	11	8	8
Ser exigente	-	6	-	-
Ser motivador	2	9	4	8
Ser responsável	17	15	28	20
Total	100 N=52	100 N=47	100 N=25	100 N=25

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

A análise do quadro XII confirma a ideia anterior e contraria a hipótese sugerida. As ‘competências educacionais’ e a ‘responsabilidade’ são as competências dos treinadores mais esperadas pelas mães. Assim, como para os pais (v. quadro VIII), as ‘competências educacionais’ assumem mais importância para as mães dos mais jovens (18% para as mães de infantis e 17% para as mães de iniciados), e a ‘responsabilidade’ é mais referida pelas mães de juvenis e juniores (19%). No total a ‘responsabilidade’ (16%) assume um ligeiro ascendente sobre os 15% das ‘competências educacionais’ (cf. Gráfico 12).

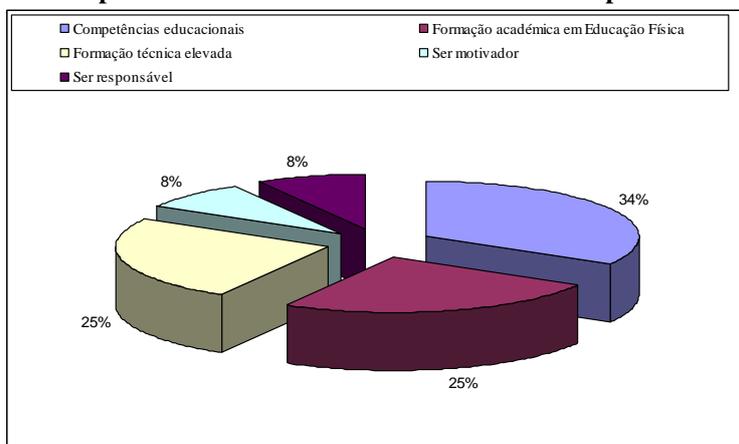
Quadro XII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo o escalão dos seus filhos (mães) – Totais

	Total pais de infantis	Total pais de iniciados	Total pais de juvenis	Total pais de juniores
Sucesso	1	4	4	5
Competências educacionais	18	17	11	11
Formação académica em Educação Física	10	11	7	9
Formação técnica elevada	6	8	11	12
Experiência	6	4	7	5
Ser divertido	3	2	1	1
Ser amigo	12	10	11	7
Ser simpático	4	4	-	4
Ser justo	9	13	15	11
Ser exigente	4	6	4	7
Ser motivador	10	11	12	9
Ser responsável	17	12	19	19
Total	100 N=156	100 N=141	100 N=75	100 N=75

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

1.3. Auto-representação do ideal de treinador

Também para os treinadores era sugerido pela hipótese que a principal expectativa destes seria o ‘sucesso’. Esta hipótese é totalmente descartada, pois nenhum dos 12 treinadores refere o ‘sucesso’ em nenhuma das três opções, conforme podemos ver no Gráfico 15 e 16.

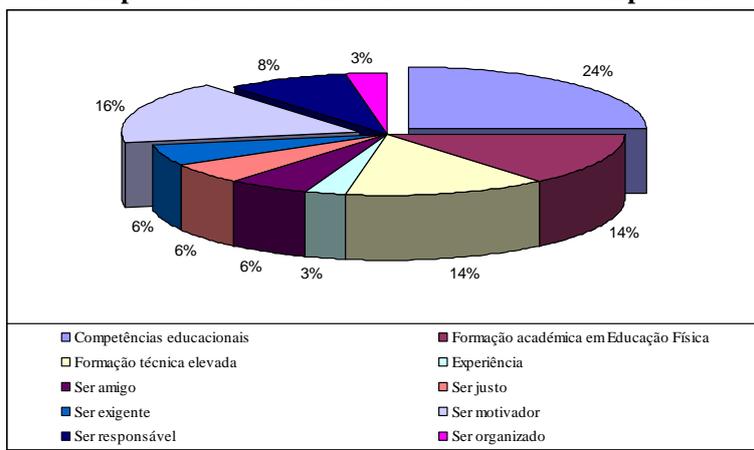
Gráfico 15 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências – 1.ª opção

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Nas primeiras opções dos treinadores as ‘competências educacionais’ são as mais referidas (34%), ainda que a ‘formação técnica elevada’ (25%) e a ‘formação académica em Educação Física’ (25%) não estejam muito distantes, sendo que nesta última estejam implícitas também competências educacionais, como foi referido atrás. Nos treinadores existe menos discrepância nas escolhas efectuadas.

No conjunto das três opções continua o destaque das ‘competências educacionais’ (24%), mas agora seguida por ‘ser motivador’ (16%).

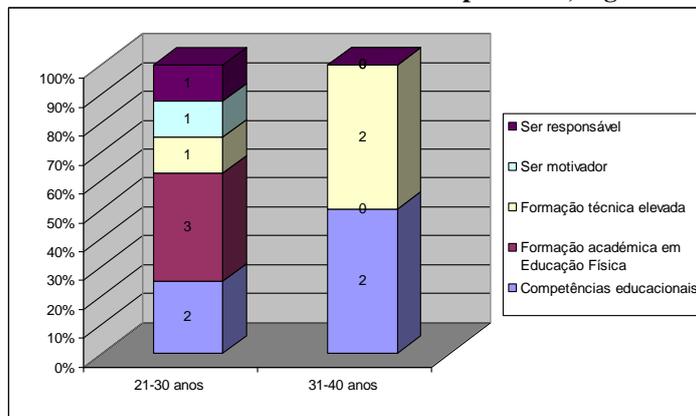
Gráfico 16 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências – Totais



Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Analisando as opções dos treinadores segundo a sua idade (Gráfico 17), a única diferença visível é que nos que têm entre 31 e 40 anos nenhum refere a ‘formação académica em Educação Física’, que é a opção mais escolhida nos treinadores que têm entre 21 e 30 anos. De resto, a maioria das escolhas vai para as ‘competências educacionais’ e ‘formação técnica elevada’.

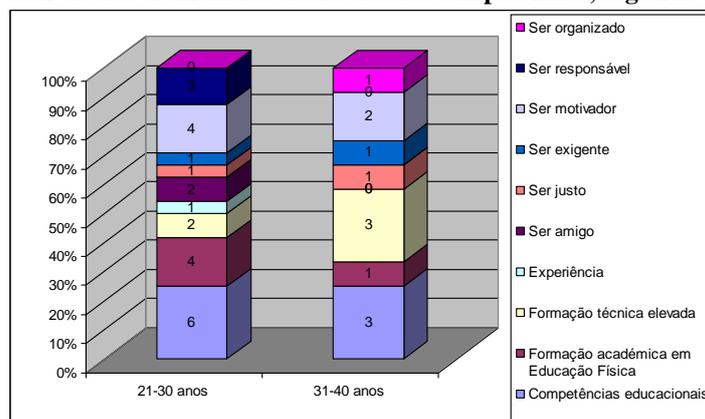
Gráfico 17 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No conjunto das opções já não há grandes diferenças a registar entre treinadores de diferentes escalões etários. A maioria elege as ‘competências educacionais’ como principal competência, seguida por ‘ser motivador’, ‘formação técnica elevada’, e ‘formação académica em Educação Física’ (v. Gráfico 18).

Gráfico 18 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade – Totais



Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Analisando as primeiras opções efectuadas pelos treinadores segundo o escalão da equipa que treinam, também não são visíveis grandes diferenças nas escolhas (Quadro XIII).

Quadro XIII – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade e o escalão das suas equipas – 1.ª opção

	21-30 anos			31-40 anos		
	Infantis	Iniciados	Juvenis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Competências educacionais	33	33	-	100	-	50
Formação académica em Educação Física	33	33	50	-	-	-
Formação técnica elevada	-	-	50	-	100	50
Ser motivador	33	-	-	-	-	-
Ser responsável	-	33	-	-	-	-
Total	100 N=3	100 N=3	100 N=2	100 N=1	100 N=1	100 N=2

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Na soma das três opções, apenas os treinadores de juniores com idades entre os 31 e 40 anos não escolhem as ‘competências educacionais’ como competência primordial dos treinadores de jovens, escolhendo 33% destes a ‘formação técnica elevada’ (v. quadro XIV).

Quadro XIV – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a sua idade e o escalão das suas equipas – Totais

	21-30 anos			31-40 anos		
	Infantis	Iniciados	Juvenis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Competências educacionais	33	22	17	33	33	17
Formação académica em Educação Física	22	11	17	33	-	-
Formação técnica elevada	-	11	17	-	33	33
Experiência	-	-	17	-	-	-
Ser amigo	-	22	-	-	-	-
Ser justo	11	-	-	-	33	-
Ser exigente	-	-	17	-	-	17
Ser motivador	22	11	17	-	-	33
Ser responsável	11	22	-	-	-	-
Ser organizado	-	-	-	33	-	-
Total	100 N=9	100 N=9	100 N=6	100 N=3	100 N=3	100 N=6

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

O mesmo resultado é visível no quadro XV onde se divide os treinadores pelo escalão da equipa que treinam. Também para os treinadores, as competências educacionais devem assumir um papel importante na execução da sua função, sendo que a maioria (34%) a refere como primeira opção (cf. Gráfico 15).

Quadro XV – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo o escalão das suas equipas – 1.ª opção

	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Competências educacionais	33	50	-	50
Formação académica em Educação Física	33	25	33	-
Formação técnica elevada	-	-	67	50
Ser motivador	33	-	-	-
Ser responsável	-	25	-	-
Total	100 N=3	100 N=4	100 N=3	100 N=2

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

Também no quadro XVI, é possível verificar que a hipótese sugerida não é validada. O sucesso não é referido em nenhuma das opções por nenhum dos treinadores. Assim, as competências educacionais assumem a maioria das escolhas do total dos treinadores. Apenas não é a mais referida pelos treinadores dos juniores, que se dividem pela formação técnica elevada e pela motivação aos jogadores, ambas com 33% das escolhas.

Quadro XVI – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo o escalão das suas equipas – Totais

	Infantis	Iniciados	Juvenis	Juniores
Competências educacionais	33	25	22	17
Formação académica em Educação Física	22	17	11	-
Formação técnica elevada	-	8	22	33
Experiência	-	-	11	-
Ser amigo	-	17	-	-
Ser justo	11	-	11	-
Ser exigente	-	-	11	17
Ser motivador	22	8	11	33
Ser responsável	11	17	-	-
Ser organizado	-	8	-	-
Total	100 N=9	100 N=12	100 N=9	100 N=6

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

1.4. Apontamento conclusivo

Tínhamos formulado como hipótese que o ‘sucesso’ seria a principal expectativa dos jovens, dos seus pais e mães, e sobretudo dos treinadores, sobretudo quando se avançava no escalão de formação, e independentemente da idade e se tratava do pai ou da mãe.

Através da discussão dos dados anteriores podemos concluir que esta hipótese não se verifica de todo. O ‘sucesso’ é das competências menos referidas pelos sujeitos do estudo. Ao invés, as ‘competências educacionais’ assumem a principal expectativa de pais e mães, e treinadores, principalmente como primeira opção. No conjunto das opções a ‘responsabilidade’ segue de perto as ‘competências educacionais’, e para os treinadores, a sua ‘formação técnica’ e ‘formação académica’, bem como o ‘ser motivador’, são também considerados muito importantes. Para os jovens as competências mais assinaladas foram as do *ethos*, principalmente o ‘ser justo’ e ‘ser exigente’, tendo o ‘ser amigo’ e o ‘ser simpático’ também alguma relevância no conjunto das escolhas.

2. EXPECTATIVAS QUANTO ÀS COMPETÊNCIAS EDUCACIONAIS DOS TREINADORES DE JOVENS

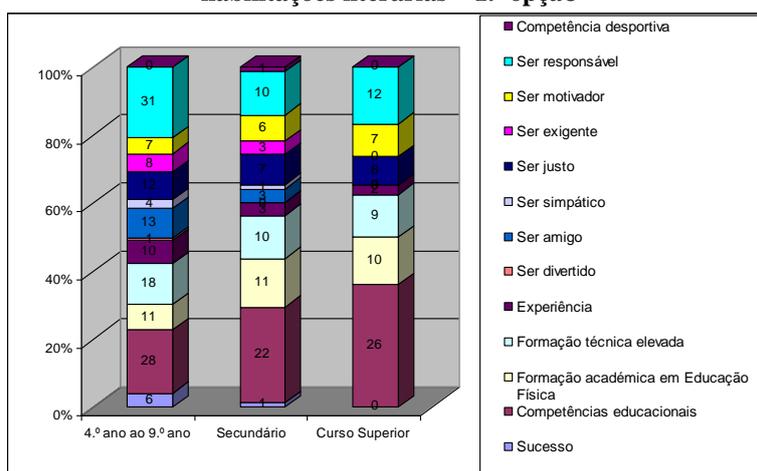
A segunda hipótese sugeria que os pais e treinadores dos jovens futebolistas dos escalões mais jovens incidiriam as suas respostas nas competências educacionais como competência principal para os treinadores de jovens. Este facto teria maior preponderância nos familiares e treinadores mais jovens e com níveis educacionais mais elevados, bem como seria ainda mais notório nas mães do que nos pais dos jovens.

Considerámos ainda que existiriam maiores discrepâncias nas escolhas efectuadas nos escalões iniciais e famílias de menores recursos culturais.

2.1. Expectativas dos Pais

Analisando o Gráfico 19, onde está o conjunto das primeiras opções de pais e mães, verificamos que a hipótese se confirma. As ‘competências educacionais’ são as mais referidas, e isso verifica-se mais nos pais com habilitações literárias mais altas. Também a ‘responsabilidade’ dos treinadores é muito escolhida, sobretudo nos pais com habilitações literárias inferiores ao 9.º ano de escolaridade.

Gráfico 19 – Expectativas de pais e mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção

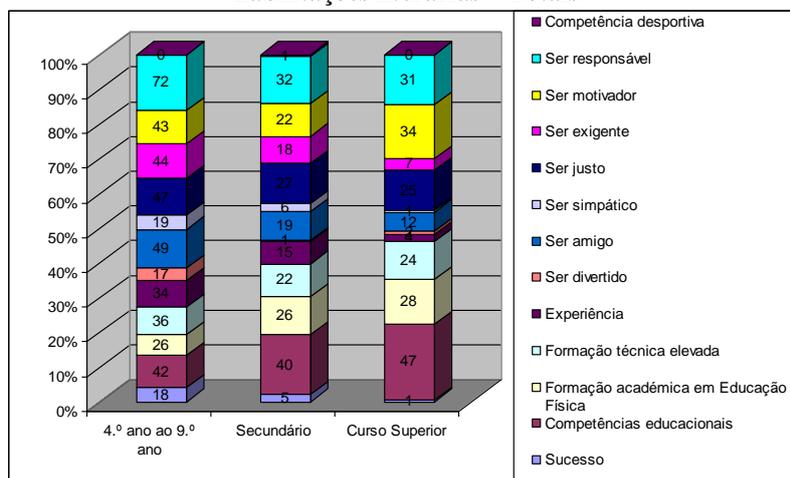


Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No conjunto de todas as opções, continua a verificar-se a hipótese formulada. Nos pais com curso superior ou o secundário as ‘competências educacionais’ são as mais escolhidas. Nos pais que têm do 4.º ao 9.º ano o ‘ser responsável’ assume uma ligeira vantagem sobre as

‘competências educacionais’. Estes pais têm ainda uma maior discrepância nas escolhas, conforme sugeria outra das hipóteses. Isto é visível tanto para as primeiras opções (v. gráfico 19) como para o conjunto das opções (v. gráfico 20).

Gráfico 20 – Expectativas de pais e mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – Totais

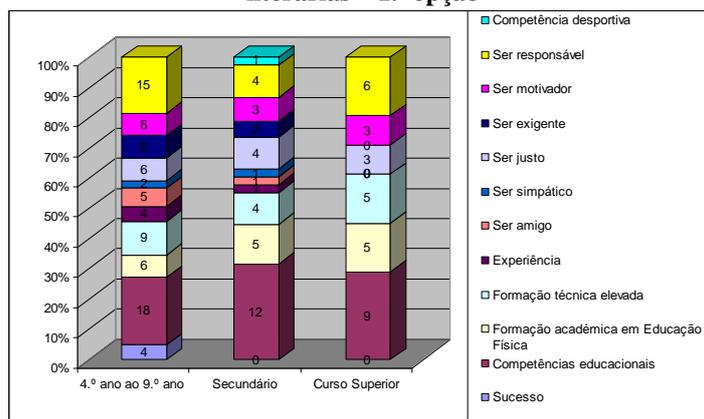


Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Pais

Analisando apenas as respostas dos pais, ou figura masculina correspondente, continua a verificar-se que as ‘competências educacionais’ assumem preponderância. O que já não se verifica é diferenças entre os pais com diferentes níveis educacionais (v. Gráfico 21). Também é notória maior discrepância, nas respostas dos pais com menores habitações literárias. Este facto também acontecerá devido ao maior número de pais que têm do 4.º ao 9.º ano de escolaridade, relativamente aos restantes.

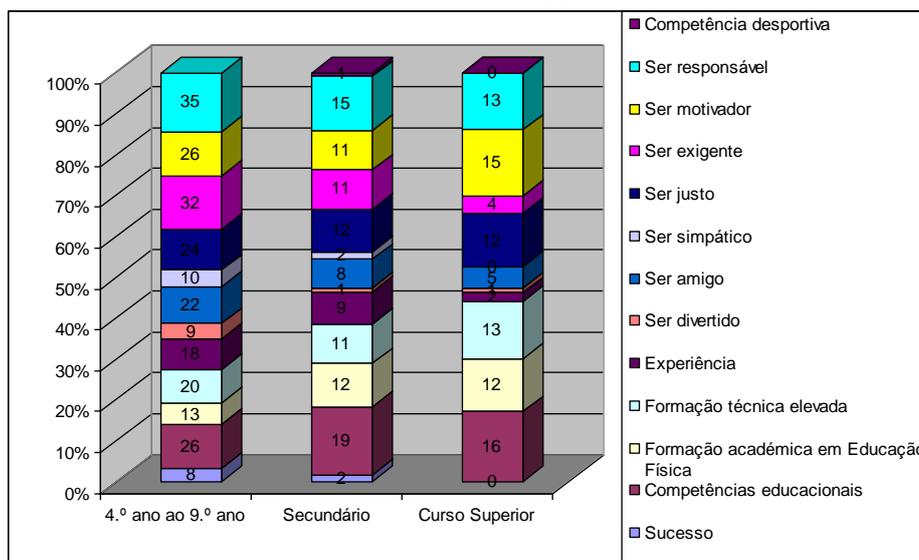
Gráfico 21 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No Gráfico 22, onde está o conjunto de respostas dos pais, já não é tão visível a predominância das ‘competências educacionais’. O ‘ser responsável’ aparece também muito referido, sobretudo pelos pais com menores níveis educacionais.

Gráfico 22 – Expectativas dos pais sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – Totais



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Com a análise do quadro XVII, continuamos a verificar que hipótese se confirma. As ‘competências educacionais’ assumem a maioria das primeiras opções para todos os pais, e este factor é mais notório nos pais com mais habilitações literárias. Este valor sobe ainda se considerarmos as respostas na formação académica em Educação Física, onde estão subjacentes competências educacionais.

Quadro XVII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias (pais) – 1.ª opção

	4.º ao 9.º ano		Secundário		Curso Superior	
	31 - 45 anos	> 45 anos	31 - 45 anos	> 45 anos	31 - 45 anos	> 45 anos
Sucesso	4	7	-	-	-	-
Competências educacionais	25	18	33	29	29	29
Formação académica em Educação Física	6	11	10	18	12	21
Formação técnica elevada	11	11	14	6	18	14
Experiência	4	7	5	-	-	-
Ser amigo	9	-	5	-	-	-
Ser simpático	2	4	5	-	-	-
Ser justo	8	7	14	6	12	7
Ser exigente	4	14	5	6	-	-
Ser motivador	9	4	-	18	12	7
Ser responsável	19	18	10	12	18	21
Competência desportiva	-	-	-	6	-	-
Total	100	100	100	100	100	100
	N=53	N=28	N=21	N=17	N=17	N=14

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No conjunto de todas as opções (v. Quadro XVIII), mais uma vez se verifica a tendência para os pais com mais estudos classificarem as ‘competências educacionais’ como característica essencial no perfil de um bom treinador de jovens. Nos pais com habilitações literárias até ao 9.º ano nem são as competências educacionais as mais escolhidas, mas sim a responsabilidade (14%). Para os que têm o secundário ou curso superior são as competências educacionais as mais referidas. No total a responsabilidade dos treinadores e as competências educacionais “empatam” com 14%, muito por força do maior número de pais com habilitações literárias entre o 4.º e o 9.º ano que responderam ao questionário (cf. Gráfico 8).

Quadro XVIII – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias dos pais – Totais

	4.º ano ao 9.º ano		Secundário		Curso Superior	
	31 – 45 anos	> 45 anos	31 – 45 anos	> 45 anos	31 – 45 anos	> 45 anos
Sucesso	3	4	-	4	-	-
Competências educacionais	11	10	17	16	16	19
Formação académica em Educação Física	5	6	10	12	16	10
Formação técnica elevada	7	11	11	8	18	10
Experiência	8	6	10	6	2	2
Ser divertido	4	4	2	-	-	2
Ser amigo	10	7	6	8	4	7
Ser simpático	4	4	3	-	-	-
Ser justo	9	11	13	8	14	12
Ser exigente	14	12	10	10	4	5
Ser motivador	9	13	6	14	16	17
Ser responsável	14	14	13	14	12	17
Competência desportiva	-	-	-	2	-	-
Total	100 N=159	100 N=84	100 N=63	100 N=51	100 N=51	100 N=42

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

O total das primeiras opções dos pais, por idade, mais uma vez confirma a hipótese sugerida. As competências educacionais são as mais escolhidas pelos pais, em qualquer do escalão etário, com ligeira vantagem (27%) nos pais com idades entre 31 e 45 anos, sobre os que têm mais de 45 anos (25%) (cf. Gráfico 9).

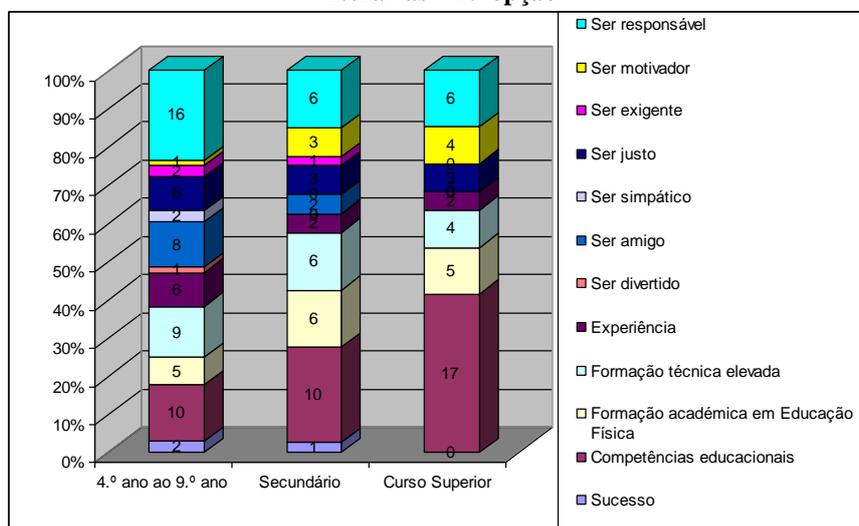
Analisando as respostas dos pais, por idades, continua a confirmar-se a hipótese aventada. Os mais novos (de 31 a 45 anos) optam maioritariamente pelas competências educacionais e responsabilidade (14%). Os pais com idade superior a 45 anos, apesar de terem os mesmos 14% de escolhas nas competências educacionais, referiram maioritariamente a responsabilidade com 15%. No total dos pais, e considerando a soma das três opções, tanto as competências educacionais, como a responsabilidade obtiveram 14% das escolhas (cf. Gráfico 10).

Mães

Conforme sugeria a hipótese formulada, as mães com maiores habilitações literárias dão maior importância às ‘competências educacionais’ (v. Gráfico 23). Esta competência apenas não é a mais referida pelas mães com habilitações literárias inferior ao 9.º ano, sendo substituído pelo ‘ser responsável’.

É também mais visível maior discrepância nas respostas das mães com menores habilitações literárias, ainda que este facto possa ser influenciado pelo maior numero de mães nesta situação que responderam ao questionário.

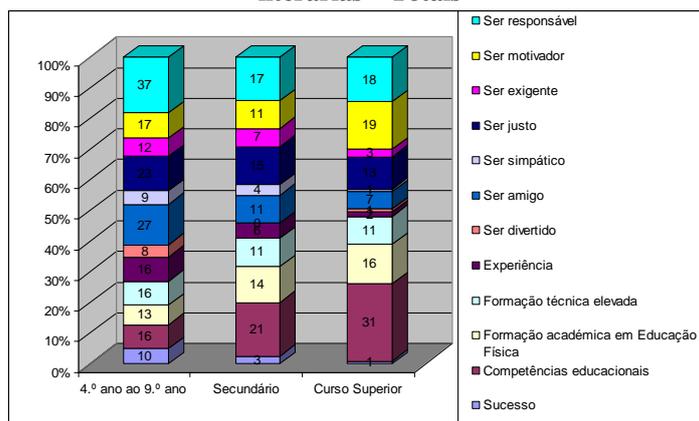
Gráfico 23 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No Gráfico 24, que contém o conjunto das respostas de todas as opções, continua a verificar-se o dito anteriormente para as respostas da primeira opção. A única diferença será a descida da posição das ‘competências educacionais’ nas competências mais referidas para as mães com menores habilitações literárias, sendo “ultrapassada” por ‘ser amigo’, ‘ser justo’ e ‘ser motivador’. Contudo nas mães que têm o secundário ou curso superior as ‘competências educacionais’ continuam no topo das preferências, conforme sugeria a hipótese.

Gráfico 24 – Expectativas das mães sobre as competências dos treinadores, segundo as suas habilitações literárias – Totais



Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

No que concerne à opinião das mães segundo as suas habilitações literárias e idade também se confirma que as mães com maiores habilitações literárias fazem incidir as suas primeiras opções maioritariamente sobre as ‘competências educacionais’, e entre estas as mais jovens têm ligeiro ascendente, como sugerido. (v. quadro XIX).

Quadro XIX – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias (mães) – 1.ª opção

	4.º ao 9.º ano		Secundário			Curso Superior	
	31 - 45 anos	> 45 anos	até 30 anos	31 - 45 anos	> 45 anos	31 - 45 anos	> 45 anos
Sucesso	2	6	-	3	-	-	-
Competências educacionais	16	12	33	27	14	45	33
Formação académica em Educação Física	8	6	67	13	-	14	8
Formação técnica elevada	14	12	-	13	29	10	8
Experiência	8	12	-	7	-	-	17
Ser divertido	2	-	-	-	-	-	-
Ser amigo	12	12	-	7	-	-	-
Ser simpático	4	-	-	-	-	-	-
Ser justo	10	6	-	7	14	-	25
Ser exigente	2	6	-	3	-	-	-
Ser motivador	2	-	-	7	14	14	-
Ser responsável	22	29	-	13	29	17	8
Total	100 N=51	100 N=17	100 N=3	100 N=30	100 N=7	100 N=29	100 N=12

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

A sugestão de que as ‘competências educacionais’ seriam consideradas mais importantes por parte das mães do que dos pais, apenas é validada para os Pais que possuem curso superior.

No conjunto das três opções, confirma-se o que se disse até agora. As mães com curso superior escolhem maioritariamente as ‘competências educacionais’ (25%), assim como as que possuem o secundário, ainda que em menor valor (18%). O mesmo não se verifica nas mães com menores habilitações escolares, sendo que a sua escolha mais referida é a ‘responsabilidade’ dos treinadores (18%) (cf. Gráfico 24). No total é também a ‘responsabilidade’ a opção mais mencionada (16%), com ligeira vantagem sobre as ‘competências educacionais’ (15%) (cf. Gráfico 12). Este facto deve-se, como antes foi dito relativamente aos pais, ao maior número de mães com menores habilitações literárias (v. quadro XX).

Quadro XX – Expectativas sobre as competências dos treinadores, segundo a idade e habilitações literárias (mães) - Totais

	4.º ao 9.º ano		Secundário			Curso Superior	
	31 – 45 anos	> 45 anos	até 30 anos	31 – 45 anos	> 45 anos	31 – 45 anos	> 45 anos
Sucesso	5	6	-	3	-	-	3
Competências educacionais	8	8	22	18	14	25	25
Formação académica em Educação Física	7	6	22	11	10	11	17
Formação técnica elevada	8	6	11	9	10	9	8
Experiência	8	8	-	6	5	-	6
Ser divertido	4	4	-	-	-	1	-
Ser amigo	14	10	22	9	5	7	3
Ser simpático	5	2	11	3	-	1	-
Ser justo	12	8	11	11	19	8	17
Ser exigente	5	10	-	6	10	2	3
Ser motivador	7	12	-	9	14	20	6
Ser responsável	17	22	-	16	14	15	14
Total	100 N=153	100 N=51	100 N=9	100 N=90	100 N=21	100 N=87	100 N=36

Fonte: Inquérito aos pais dos atletas, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

O que também se confirma é que isso é mais verdade para as mães mais jovens. Apesar da escolha maioritária das mães com idade até aos 30 anos referirem em 67% das suas escolhas a ‘formação académica em Educação Física’ como competência primordial, entendemos que

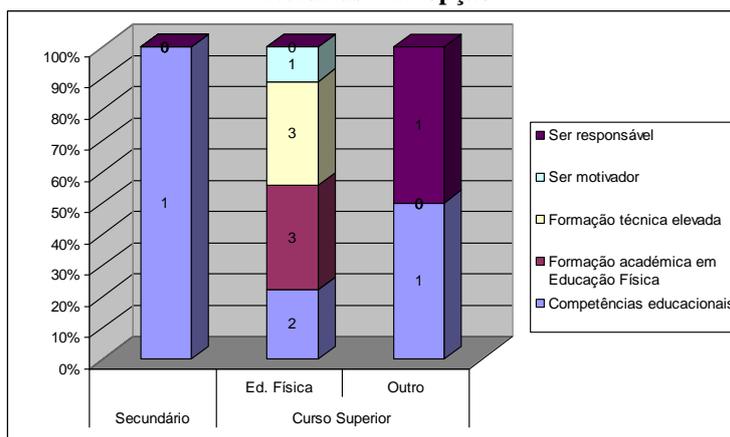
esta opção incorpora implicitamente ‘competências educacionais’. Assim, verifica-se o apontado na hipótese. Também nas mães com idades entre os 31 e 45 anos se verifica a maioria (26%) das primeiras opções nas ‘competências educacionais’ (cf. Gráfico 13). Nesta análise também se confirma a ideia que as mães dão um pouco mais de relevância a estas competências do que os pais, pois na soma das primeiras opções dos pais eram 14% das escolhas sobre as ‘competências educacionais’ (cf. Gráfico 7), e as mães têm 24% das escolhas nesse aspecto (cf. Gráfico 11).

Também vemos que as mães mais jovens dão um pouco mais de importância às competências educacionais do que as menos jovens. Na soma de todas as opções, a importância dada pelas mães a essas competências dilui-se um pouco, mas ainda assim nas mães com idades até aos 30 anos é a mais escolhida com 22%, juntamente com a formação académica em Educação Física e a amizade para com os jovens cf. Gráfico 14).

2.2. Opinião dos Treinadores

Nos treinadores não são visíveis diferenças significativas nas escolhas, segundo as suas habilitações literárias, até porque apenas um dos treinadores não possui ainda curso superior. Assim confirma-se apenas a sugestão que as ‘competências educacionais’ são tidas como muito importantes para os treinadores.

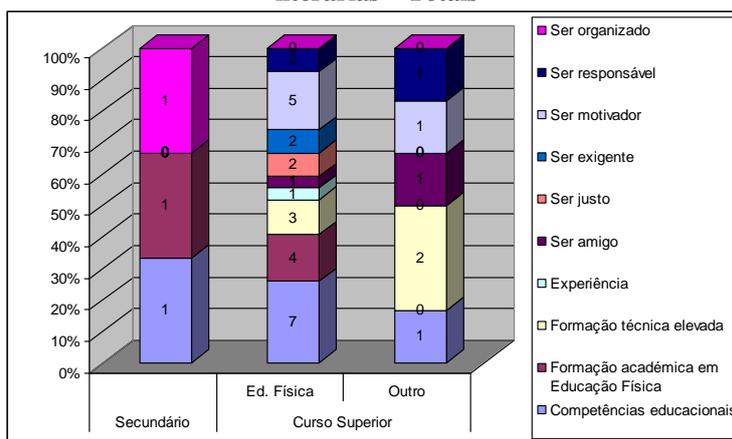
Gráfico 25 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo as suas habilitações literárias – 1.ª opção



Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

No conjunto das opções verifica-se o que se disse antes ainda que haja um maior importância dada às ‘competências educacionais’ pelos treinadores que são formados na área do desporto e Educação Física, bem como à formação académica nessa área, como era de esperar.

Gráfico 26 – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo as suas habilitações literárias – Totais



Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

No quadro XXI o facto mais saliente é a importância dada à formação académica em Educação Física por parte dos treinadores que possuem essa formação (33%), e bem como à ‘formação técnica elevada’ (33%).

Quadro XXI – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a idade e habilitações literárias – 1.ª opção

	Secundário	Curso Superior			
		Ed. Física		Outro	
	31-50	21-30	31-50	21-30	31-50
Sucesso	-	-	-	-	-
Competências educacionais	100	29	-	-	100
Formação académica em Educação Física	-	43	-	-	-
Formação técnica elevada	-	14	100	-	-
Ser motivador	-	14	-	-	-
Ser responsável	-	-	-	100	-
Total	100 N=1	100 N=7	100 N=2	100 N=1	100 N=1

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004\05

A ideia anterior é confirmada pela observação do quadro XXII, que tem o conjunto das três opções feitas pelos treinadores. Assim as ‘competências educacionais’ continuam a ser as mais referidas. A par destas, a questão da formação em Educação Física, bem como a formação técnica são muito referidas.

Quadro XXII – Expectativas dos treinadores sobre as suas competências, segundo a idade e habilitações literárias – Totais

	Secundário	Curso Superior			
		Ed. Física		Outro	
	31-50	21-30	31-50	21-30	31-50
Sucesso	-	-	-	-	-
Competências educacionais	33	29	17	-	33
Formação académica em Educação Física	33	19	-	-	-
Formação técnica elevada	-	5	33	33	33
Experiência	-	5	-	-	-
Ser amigo	-	5	0	33	-
Ser justo	-	5	17	-	-
Ser exigente	-	5	17	-	-
Ser motivador	-	19	17	-	33
Ser responsável	-	10	-	33	-
Ser organizado	33	-	-	-	-
Total	100 N=3	100 N=21	100 N=6	100 N=3	100 N=3

Fonte: Inquérito aos treinadores, escalões de formação da AAC-OAF, 2004/05

Não se verifica que os treinadores mais jovens dêem mais relevo às ‘competências educacionais’ do que os mais velhos. O que se confirma é a ideia que as ‘competências educacionais’, ou a ‘formação académica’ em Educação Física, são as qualidades mais referidas para um bom treinador de jovens, pelos próprios treinadores.

2.3. Apontamento Conclusivo

Na hipótese inicialmente formulada, sugeríamos que as ‘competências educacionais’ seriam o principal atributo esperado do treinador, sobretudo por parte das famílias e treinadores com níveis educacionais mais elevados, em especial nos mais novos e nas mães ou figura feminina correspondente.

Com base nos resultados discutidos anteriormente, podemos concluir que a mesma se confirma. As ‘competências educacionais’ são de facto as mais referidas, e isto acontece mais nas famílias com maiores habilitações culturais, com ligeira vantagem nas mães do que nos pais, e nestas, sobretudo nas mais jovens. Relativamente aos treinadores, confirma-se também que dão especial preferência a estas competências, embora não existam diferenças entre as

opções dos mais novos e mais velhos, nem relativamente às suas habilitações literárias como inicialmente pressuposto.

Também se confirma a hipótese que existe maior discrepância nas respostas dos familiares com menores habilitações literárias.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

É unanimemente aceite que o treinador desempenha um papel fundamental nas fases do processo de preparação desportiva. No entanto é especulativo determinar quais os aspectos mais importantes de um treinador de jovens. Assim, este estudo foi realizado para tentar perceber quais as principais expectativas relativas às competências dos treinadores de jovens por parte dos jovens, seus pais, e dos próprios treinadores.

Com base nos contributos de diversos autores (v. Capítulo I), foi elaborada a problemática e definido o nosso objecto de estudo, que pretendia saber qual representação do ideal do perfil do treinador de jovens, pelos próprios treinadores de escalões jovens, bem como pelos jovens praticantes e seus pais. Posteriormente foram definidas as hipóteses de trabalho, que sugeriam que o sucesso alcançado em competição constitui a principal expectativa dos jovens, bem como dos pais e das mães dos jovens, e dos próprios treinadores, sobretudo quando se avança nos escalões de competição, independentemente da idade e do género. Considerámos ainda que nos escalões de competição mais jovens se encontram maiores expectativas em relação às competências educacionais do treinador, como seu atributo, sobretudo por parte dos treinadores e das famílias com níveis educacionais mais elevados, em especial, nos pais e nas mães ou outra figura feminina que viva com o atleta. Por fim, apontámos que nos escalões de competição iniciais existir maior discrepância entre as expectativas dos treinadores, dos jovens e seus familiares. Este facto tornar-se-ia ainda mais visível nos treinadores e pais com menores habilitações literárias, independentemente da idade.

De modo a verificar as hipóteses formuladas, elaborámos uma metodologia, definindo variáveis e indicadores que foram a base da construção dos instrumentos de recolha de informação, os inquéritos sociográficos por questionário (v. Capítulo II). Estes inquéritos foram aplicados nos escalões de formação de futebol da AAC-OAF, aos jovens, seus pais e mães ou figuras equivalentes, e aos treinadores, na época desportiva 2004/05, sendo respondido por 155 jovens, 150 pais, 149 mães, e 12 treinadores.

Procedemos então ao tratamento da informação recolhida através do programa informático de estatística SPSS, tendo obtido uma base de dados, que após análise, nos permitiu concluir que o mais importante para os jovens praticantes é o *ethos* dos seus treinadores. Características como a justiça e a exigência são as que os jovens dão mais relevância nos seus treinadores, pretendendo ainda encontrar no treinador um amigo, simpático para com eles. Concluimos ainda que para pais, mães e treinadores as competências

educacionais são as mais importantes, e essenciais para ser um bom treinador de jovens, e isto acontece sobretudo nas famílias com maiores habilitações culturais, com ligeira vantagem nas mães do que nos pais, e nestas, sobretudo nas mais jovens. Aliado a estas competências, estes entendem que a responsabilidade é também muito importante, e de preferência que os treinadores tenham também formação académica em Educação Física, e formação técnica elevada. Foi possível também notar que existe maior discrepância nas respostas dos familiares com menores habilitações literárias, sendo assim confirmadas, em parte, as nossas hipóteses, sendo que foi totalmente anulada a hipótese que sugeria ser o sucesso a principal expectativa de jovens, pais e treinadores, pertencentes aos escalões de formação mais adiantados (v. Capítulo III). Estas conclusões a que chegámos vão de encontro ao defendido pela maioria dos autores referidos no Capítulo I, que referem que o treinador de jovens não deve procurar apenas os êxitos desportivos, mas sim olhar para os jovens numa perspectiva holística e prepará-los para a vida extra-desportiva, integrando-os socialmente.

Podemos afirmar que os objectivos principais deste estudo foram alcançados, uma vez que agora compreendemos melhor as expectativas sobre os treinadores e a sua auto-representação.

Como recomendações penso que seria útil alargar este estudo a outras modalidades desportivas, bem como a mais equipas, pois a AAC-OAF tem características únicas, e um estudo semelhante noutras equipas, mesmo neste distrito poderá obter resultados diferentes. Seria também interessante um estudo idêntico sobre as expectativas dos dirigentes desportivos, e saber qual o perfil que procuram quando contratam um treinador de jovens para os seus clubes, de modo a verificar se esse perfil se enquadra nas expectativas que os jovens, e seus pais, têm sobre os seus treinadores.

BIBLIOGRAFIA

Adelino, J., Vieira, J., Coelho, O. (2001) *O Desporto Juvenil...em perguntas e respostas*. 4.^a edição. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto.

Adelino, J., Vieira, J., Coelho, O. (2000) *Treino de Jovens: o que todos precisam de saber*. 3.^a edição. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

Adelino, Jorge (s/d) “Código deontológico do treinador”, in *Treino Desportivo*, pág. 40-42.

Almeida, C. (2001) *O treinador em Portugal – Perfil social, caracterização da actividade e formação*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto.

Araújo, J. (1998) *Treinador, saber estar, saber ser*. Lisboa: Editorial Caminho.

Benach, J. A. (sem data) Desporto e classes sociais. In *O serviço cívico e o desporto*. pp. 40-49. Lisboa: Direcção-geral dos Desportos. Edição do centro de documentação e informação.

Bento, J. O. (1995) *O outro lado do desporto*. Porto: Campo das letras - Editores, S.A.

Clayes, U. (1984) “A evolução do conceito de desporto e o fenómeno da participação/não participação”, *Desporto e Sociedade – Antologia de Textos*, n.º 3.

Cunha, A. et al (1999) “Gerir o futuro: Da formação do praticante de futebol ao jogador de excelência”, in J. Adelino, J. Vieira, O. Coelho *Seminário Internacional Treino de Jovens – “Os caminhos do Sucesso”*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 17-29).

Cunha, A. et al (2000) “O ‘bom’ treinador”, in *Horizonte*, vol. XVI, n.º 91: 27-33.

D’Além, A., Filipe, A. (2001) “A importância da trilogia professor/pai/criança na intervenção do professor” in *Training*, n.º 6: 16- 18.

Dunning, E. (1992) *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel.

Elias, N. (1992) *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.

Esteves, J. (1999) *O Desporto e as estruturas sociais – um ensaio sobre a interpretação do fenómeno desportivo*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Gonçalves, C. (1987) “Formação do Treinador no Âmbito da Pedagogia Desportiva” in *Horizonte*, 20: 63-69.

Graça, A. et al (1999) “Quando se treina bem!”, in J. Adelino, J. Vieira, O. Coelho *Seminário Internacional Treino de Jovens – “Os caminhos do Sucesso”*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 61-71).

Lima, T. (1988) *O desporto está nas suas mãos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Lima, T. (2000) *Saber treinar, aprende-se!*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

Lima, T. (2001) *Com que então quer ser treinador? Basquetebol – da aprendizagem à competição*. Lisboa: Centro de estudos e Formação Desportiva.

Marivoet, S. (2001) *Hábitos desportivos da população portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

Marivoet, S. (2002) *Aspectos Sociológicos do Desporto*. 2.^a edição. Lisboa: Livros Horizonte.

Martens, R. et al (s/d) “Os objectivos do Treinador de Jovens”, in *Treino Desportivo*, pág. 20-23.

Martins, L. (1990) “A Intervenção do Treinador”, in *Treino desportivo*, 17: 28-32.

Mota, J. Sallis. J. (2002) *Actividade Física e Saúde – Factores de influência da actividade física nas crianças e nos adolescentes*. 1.^a edição. Porto: Campo das Letras.

Orlick, T. et al (1999) “Promover a confiança a alegria e a excelência no treino de jovens”, in J. Adelino, J. Vieira, O. Coelho *Seminário Internacional Treino de Jovens – “Os caminhos do Sucesso”*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 5-16).

Quivy, R. Campenhoudt, L. (2003) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, J. (1994) *Caracterização da prática desportiva do jovem*, Monografia. Lisboa: UTL-FMH (pp. 5-10).

Sá, C. (1994) *Representações dos Estudantes do Ensino Superior Plitécnico sobre a Formação Inicial*, Mestrado. Lisboa: UTL-FMH.

Sarmiento, P. (1992) “Aspectos da Formação de um Treinador” in *Horizonte*, 50: 67-70.

Serpa, S. (1995) *A relação interpessoal na díade treinador-atleta: desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador*, Doutoramento. Lisboa: UTL-FMH (pp. 17-22).

Silva, M. et al (2002) “Perfil do Treinador de Crianças e Jovens”, in F. Sobral, M. C. Silva, *Demografia e jovens no Desporto*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (pp. 61-69).

Simão, J. (1998) *A formação do treinador: análise das representações de treinadores em relação à sua própria formação*, Mestrado. Lisboa: UTL-FMH (pp. 6-17).

Smoll, F. (2000) *A Comunicação do Treinador com os Pais dos Atletas*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

ANEXOS

1. INQUÉRITOS SOCIOGRÁFICOS

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**UNIVERSIDADE DE COIMBRA****INQUÉRITO AOS JOVENS ATLETAS**

Este inquérito enquadra-se no âmbito do Seminário do quinto ano da licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, e tem por objectivo conhecer melhor os requisitos dos treinadores de futebol dos escalões jovens.

Agradecemos desde já a tua colaboração que reputamos de fundamental, garantindo a confidencialidade de todas as informações prestadas, pois destinam-se exclusivamente a este trabalho de natureza científica.

I – Nível da competição

1 – Qual o teu escalão de competição?

- 1 Infantis
- 2 Iniciados
- 3 Juvenis
- 4 Juniores

II – Requisitos dos treinadores

2 – Sabes qual a formação técnica do teu treinador?

- 1 Não sabe
- 2 Sem formação técnica
- 3 Nível I
- 4 Nível II
- 5 Nível III
- 6 Nível IV

3 – Sabes qual a formação académica do teu treinador?

- 1 Não sabe
- 2 4.º Ano
- 3 6.º Ano
- 4 9.º Ano
- 5 12.º Ano
- 6 Curso superior de desporto e educação física
- 7 Outro curso superior

4 – Quais as competências que pensas que um bom treinador de jovens deve ter?

(Escolhe as três que consideres mais importantes, e assinala apenas uma em cada coluna de acordo com a preferência)

	1. ^a	2. ^a	3. ^a
Sucesso	<input type="checkbox"/> 101	<input type="checkbox"/> 201	<input type="checkbox"/> 301
Competências educacionais	<input type="checkbox"/> 102	<input type="checkbox"/> 202	<input type="checkbox"/> 302
Formação académica em Educação Física	<input type="checkbox"/> 103	<input type="checkbox"/> 203	<input type="checkbox"/> 303
Formação técnica elevada	<input type="checkbox"/> 104	<input type="checkbox"/> 204	<input type="checkbox"/> 304
Experiência	<input type="checkbox"/> 105	<input type="checkbox"/> 205	<input type="checkbox"/> 305
Responsável	<input type="checkbox"/> 106	<input type="checkbox"/> 206	<input type="checkbox"/> 306
Justo	<input type="checkbox"/> 107	<input type="checkbox"/> 207	<input type="checkbox"/> 307
Exigente	<input type="checkbox"/> 108	<input type="checkbox"/> 208	<input type="checkbox"/> 308
Motivador	<input type="checkbox"/> 109	<input type="checkbox"/> 209	<input type="checkbox"/> 309
Amigo	<input type="checkbox"/> 110	<input type="checkbox"/> 210	<input type="checkbox"/> 310
Simpático	<input type="checkbox"/> 111	<input type="checkbox"/> 211	<input type="checkbox"/> 311
Divertido	<input type="checkbox"/> 112	<input type="checkbox"/> 212	<input type="checkbox"/> 312
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 113	<input type="checkbox"/> 213	<input type="checkbox"/> 313
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 114	<input type="checkbox"/> 214	<input type="checkbox"/> 314
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 115	<input type="checkbox"/> 215	<input type="checkbox"/> 315

OBRIGADO PELA TUA COLABORAÇÃO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**UNIVERSIDADE DE COIMBRA****INQUÉRITO AOS PAIS DOS ATLETAS**

Este inquérito enquadra-se no âmbito do Seminário do quinto ano da licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, e tem por objectivo conhecer melhor os requisitos dos treinadores de futebol dos escalões jovens.

Agradecemos desde já a sua colaboração que reputamos de fundamental, garantindo a confidencialidade de todas as informações prestadas, pois destinam-se exclusivamente a este trabalho de natureza científica.

I – Nível da competição

1 – Qual o escalão de competição da equipa do seu filho?

- 1 Infantis
- 2 Iniciados
- 3 Juvenis
- 4 Juniores

II – Requisitos dos treinadores

2 – Sabe qual a formação técnica do treinador do seu filho?

- 1 Não sabe
- 2 Sem formação técnica
- 3 Nível I
- 4 Nível II
- 5 Nível III
- 6 Nível IV

3 – Sabe qual a formação académica do treinador do seu filho?

- 1 Não sabe
- 2 4.º ano
- 3 6.º ano
- 4 9.º ano
- 5 12.º ano
- 6 Curso superior de educação física
- 7 Outro curso superior

4 – Quais as competências que pensa que um bom treinador de jovens deve ter?

(Escolha as três que considere mais importantes, e assinale apenas uma em cada coluna de acordo com a preferência)

	(Pai)			(Mãe)		
	1. ^a	2. ^a	3. ^a	1. ^a	2. ^a	3. ^a
Sucesso	<input type="checkbox"/> 1101	<input type="checkbox"/> 1201	<input type="checkbox"/> 1301	<input type="checkbox"/> 2101	<input type="checkbox"/> 2201	<input type="checkbox"/> 2301
Competências educacionais	<input type="checkbox"/> 1102	<input type="checkbox"/> 1202	<input type="checkbox"/> 1302	<input type="checkbox"/> 2102	<input type="checkbox"/> 2202	<input type="checkbox"/> 2302
Formação académica em Educação Física	<input type="checkbox"/> 1103	<input type="checkbox"/> 1203	<input type="checkbox"/> 1303	<input type="checkbox"/> 2103	<input type="checkbox"/> 2203	<input type="checkbox"/> 2303
Formação técnica elevada	<input type="checkbox"/> 1104	<input type="checkbox"/> 1204	<input type="checkbox"/> 1304	<input type="checkbox"/> 2104	<input type="checkbox"/> 2204	<input type="checkbox"/> 2304
Experiência	<input type="checkbox"/> 1105	<input type="checkbox"/> 1205	<input type="checkbox"/> 1305	<input type="checkbox"/> 2105	<input type="checkbox"/> 2205	<input type="checkbox"/> 2305
Responsável	<input type="checkbox"/> 1106	<input type="checkbox"/> 1206	<input type="checkbox"/> 1306	<input type="checkbox"/> 2106	<input type="checkbox"/> 2206	<input type="checkbox"/> 2306
Justo	<input type="checkbox"/> 1107	<input type="checkbox"/> 1207	<input type="checkbox"/> 1307	<input type="checkbox"/> 2107	<input type="checkbox"/> 2207	<input type="checkbox"/> 2307
Exigente	<input type="checkbox"/> 1108	<input type="checkbox"/> 1208	<input type="checkbox"/> 1308	<input type="checkbox"/> 2108	<input type="checkbox"/> 2208	<input type="checkbox"/> 2308
Motivador	<input type="checkbox"/> 1109	<input type="checkbox"/> 1209	<input type="checkbox"/> 1309	<input type="checkbox"/> 2109	<input type="checkbox"/> 2209	<input type="checkbox"/> 2309
Amigo	<input type="checkbox"/> 1110	<input type="checkbox"/> 1210	<input type="checkbox"/> 1310	<input type="checkbox"/> 2110	<input type="checkbox"/> 2210	<input type="checkbox"/> 2310
Simpático	<input type="checkbox"/> 1111	<input type="checkbox"/> 1211	<input type="checkbox"/> 1311	<input type="checkbox"/> 2111	<input type="checkbox"/> 2211	<input type="checkbox"/> 2311
Divertido	<input type="checkbox"/> 1112	<input type="checkbox"/> 1212	<input type="checkbox"/> 1312	<input type="checkbox"/> 2112	<input type="checkbox"/> 2212	<input type="checkbox"/> 2312
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 1113	<input type="checkbox"/> 1213	<input type="checkbox"/> 1313	<input type="checkbox"/> 2113	<input type="checkbox"/> 2213	<input type="checkbox"/> 2313
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 1114	<input type="checkbox"/> 1214	<input type="checkbox"/> 1314	<input type="checkbox"/> 2114	<input type="checkbox"/> 2214	<input type="checkbox"/> 2314
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 1115	<input type="checkbox"/> 1215	<input type="checkbox"/> 1315	<input type="checkbox"/> 2115	<input type="checkbox"/> 2215	<input type="checkbox"/> 2315

III – Caracterização

5 – Quais as suas habilitações literárias?

	Pai	Mãe
4.º ano	11 <input type="checkbox"/>	21 <input type="checkbox"/>
6.º ano	12 <input type="checkbox"/>	22 <input type="checkbox"/>
9.º ano	13 <input type="checkbox"/>	23 <input type="checkbox"/>
12.º ano	14 <input type="checkbox"/>	24 <input type="checkbox"/>
Curso superior	15 <input type="checkbox"/>	25 <input type="checkbox"/>

6 – Qual a sua idade?

	Pai	Mãe
Até 30 anos	11 <input type="checkbox"/>	21 <input type="checkbox"/>
31 - 45 anos	12 <input type="checkbox"/>	22 <input type="checkbox"/>
Mais de 45 anos	13 <input type="checkbox"/>	23 <input type="checkbox"/>

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA**UNIVERSIDADE DE COIMBRA****INQUÉRITO AOS PAIS DOS ATLETAS**

Este inquérito enquadra-se no âmbito do Seminário do quinto ano da licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, e tem por objectivo conhecer melhor os requisitos dos treinadores de futebol dos escalões jovens.

Agradecemos desde já a sua colaboração que reputamos de fundamental, garantindo a confidencialidade de todas as informações prestadas, pois destinam-se exclusivamente a este trabalho de natureza científica.

I – Nível da competição

1 – Qual o escalão de competição da equipa do seu filho?

- 1 Infantis
- 2 Iniciados
- 3 Juvenis
- 4 Juniores

II – Requisitos dos treinadores

2 – Sabe qual a formação técnica do treinador do seu filho?

- 1 Não sabe
- 2 Sem formação técnica
- 3 Nível I
- 4 Nível II
- 5 Nível III
- 6 Nível IV

3 – Sabe qual a formação académica do treinador do seu filho?

- 1 Não sabe
- 2 4.º ano
- 3 6.º ano
- 4 9.º ano
- 5 12.º ano
- 6 Curso superior de educação física
- 7 Outro curso superior

4 – Quais as competências que pensa que um bom treinador de jovens deve ter?

(Escolha as três que considere mais importantes, e assinale apenas uma em cada coluna de acordo com a preferência)

	(Pai)			(Mãe)		
	1. ^a	2. ^a	3. ^a	1. ^a	2. ^a	3. ^a
Sucesso	<input type="checkbox"/> 1101	<input type="checkbox"/> 1201	<input type="checkbox"/> 1301	<input type="checkbox"/> 2101	<input type="checkbox"/> 2201	<input type="checkbox"/> 2301
Competências educacionais	<input type="checkbox"/> 1102	<input type="checkbox"/> 1202	<input type="checkbox"/> 1302	<input type="checkbox"/> 2102	<input type="checkbox"/> 2202	<input type="checkbox"/> 2302
Formação académica em Educação Física	<input type="checkbox"/> 1103	<input type="checkbox"/> 1203	<input type="checkbox"/> 1303	<input type="checkbox"/> 2103	<input type="checkbox"/> 2203	<input type="checkbox"/> 2303
Formação técnica elevada	<input type="checkbox"/> 1104	<input type="checkbox"/> 1204	<input type="checkbox"/> 1304	<input type="checkbox"/> 2104	<input type="checkbox"/> 2204	<input type="checkbox"/> 2304
Experiência	<input type="checkbox"/> 1105	<input type="checkbox"/> 1205	<input type="checkbox"/> 1305	<input type="checkbox"/> 2105	<input type="checkbox"/> 2205	<input type="checkbox"/> 2305
Responsável	<input type="checkbox"/> 1106	<input type="checkbox"/> 1206	<input type="checkbox"/> 1306	<input type="checkbox"/> 2106	<input type="checkbox"/> 2206	<input type="checkbox"/> 2306
Justo	<input type="checkbox"/> 1107	<input type="checkbox"/> 1207	<input type="checkbox"/> 1307	<input type="checkbox"/> 2107	<input type="checkbox"/> 2207	<input type="checkbox"/> 2307
Exigente	<input type="checkbox"/> 1108	<input type="checkbox"/> 1208	<input type="checkbox"/> 1308	<input type="checkbox"/> 2108	<input type="checkbox"/> 2208	<input type="checkbox"/> 2308
Motivador	<input type="checkbox"/> 1109	<input type="checkbox"/> 1209	<input type="checkbox"/> 1309	<input type="checkbox"/> 2109	<input type="checkbox"/> 2209	<input type="checkbox"/> 2309
Amigo	<input type="checkbox"/> 1110	<input type="checkbox"/> 1210	<input type="checkbox"/> 1310	<input type="checkbox"/> 2110	<input type="checkbox"/> 2210	<input type="checkbox"/> 2310
Simpático	<input type="checkbox"/> 1111	<input type="checkbox"/> 1211	<input type="checkbox"/> 1311	<input type="checkbox"/> 2111	<input type="checkbox"/> 2211	<input type="checkbox"/> 2311
Divertido	<input type="checkbox"/> 1112	<input type="checkbox"/> 1212	<input type="checkbox"/> 1312	<input type="checkbox"/> 2112	<input type="checkbox"/> 2212	<input type="checkbox"/> 2312
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 1113	<input type="checkbox"/> 1213	<input type="checkbox"/> 1313	<input type="checkbox"/> 2113	<input type="checkbox"/> 2213	<input type="checkbox"/> 2313
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 1114	<input type="checkbox"/> 1214	<input type="checkbox"/> 1314	<input type="checkbox"/> 2114	<input type="checkbox"/> 2214	<input type="checkbox"/> 2314
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/> 1115	<input type="checkbox"/> 1215	<input type="checkbox"/> 1315	<input type="checkbox"/> 2115	<input type="checkbox"/> 2215	<input type="checkbox"/> 2315

III – Caracterização

5 – Quais as suas habilitações literárias?

	Pai	Mãe
4.º ano	11 <input type="checkbox"/>	21 <input type="checkbox"/>
6.º ano	12 <input type="checkbox"/>	22 <input type="checkbox"/>
9.º ano	13 <input type="checkbox"/>	23 <input type="checkbox"/>
12.º ano	14 <input type="checkbox"/>	24 <input type="checkbox"/>
Curso superior	15 <input type="checkbox"/>	25 <input type="checkbox"/>

6 – Qual a sua idade?

	Pai	Mãe
Até 30 anos	11 <input type="checkbox"/>	21 <input type="checkbox"/>
31 - 45 anos	12 <input type="checkbox"/>	22 <input type="checkbox"/>
Mais de 45 anos	13 <input type="checkbox"/>	23 <input type="checkbox"/>

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO